

CARTOGRAFIA DA OFERTA TURÍSTICA DO CIRCUITO DO OURO, MINAS GERAIS, BRASIL

CARTOGRAPHY OF TOURISM SERVICES AND ATTRACTIONS OF THE 'CIRCUIT OF GOLD', MINAS GERAIS, BRAZIL

CARTOGRAFIA DE LA OFERTA TURÍSTICA DEL 'CIRCUITO DEL ORO', MINAS GERAIS, BRASIL

// RESUMO

AUTOR

Guilherme F. Drummond Chicarino Varajão 

Laís Murta Alves Maia 

Álvaro Geraldo Barbosa de Jesus 

Thiago Duarte Pimentel 

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES
JEQUITINHONHA E MUCURI – UFVJM

E-MAIL

guilhermefdcv@ufvjm.edu.br
laismurtalves@gmail.com
albanogeraldo@hotmail.com
thiago.pimentel@ufjf.br

DATA DE SUBMISSÃO: 11/09/24

DATA DE APROVAÇÃO: 12/08/25

DOI: 10.12957/GEOUERJ.2025.87210



E-ISSN 1981-9021

ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO ABERTO
DISTRIBUÍDO SOB OS TERMOS DA LICENÇA
CREATIVECOMMONS BY-NC-SA 4.0, QUE
PERMITE USO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO
PARA FINS NÃO COMERCIAIS, COM A CITAÇÃO
DOS AUTORES E DA FONTE ORIGINAL E SOB
A MESMA LICENÇA.

O turismo brasileiro apresenta baixa performance, em parte, devido à ineficácia das ações (quando existentes) de planejamento e governança, que dependem da existência, disponibilidade e qualidade das informações para os gestores, tanto públicos quanto privados. O objetivo deste trabalho é apoiar o planejamento turístico da Instância de Governança Regional (IGR) Circuito do Ouro (CO), por meio da cartografia de sua oferta, produzindo mapas temáticos e processando dados espaciais em um Sistema de Informação Geográfica (SIG) para orientar a tomada de decisões. Recorreu-se à literatura sobre planejamento, análise espacial e SIG aplicada ao turismo. Identificou-se que a bibliografia nacional existente é escassa e que, empiricamente, não há dados especializados disponíveis sobre o contexto em questão. Metodologicamente, a partir do inventário turístico, do IBGE e do Instituto Prístino, foi elaborado um banco de dados contendo serviços, equipamentos e atrativos turísticos, e as informações espaciais foram compiladas via SIG. Foram produzidos mapas temáticos dos atrativos e serviços turísticos, de densidade, de distâncias e das principais problemáticas, os quais evidenciam uma concentração espacial nos núcleos urbanos dos municípios do CO. Conclui-se que os mapas produzidos são importantes para o processo de planejamento turístico da IGR e de seus municípios associados, sendo fundamentais para suas decisões, ações e políticas.

Palavras-chave: Planejamento do turismo. Geografia do turismo. Sistema de Informação Geográfica. Circuito do Ouro.

// ABSTRACT

Brazilian tourism shows low performance, partly due to the ineffectiveness of planning and governance actions (when they exist), which rely on the existence, availability, and quality of information for both public and private managers. The objective of this study is to support tourism planning for the Regional Governance Instance (IGR) Circuito do Ouro (CO) by cartographically representing its services and attractions, producing thematic maps, and processing spatial data in a Geographic Information System (GIS) to guide decision-making. The study drew upon literature on planning, spatial analysis, and GIS applied to tourism. It was identified that the existing national bibliography is scarce and that, empirically, no specialized data is available on the context in question. Methodologically, based on the tourism inventory, IBGE, and the Instituto Prístino, a database was created containing tourism services, facilities, and attractions, and spatial information was compiled via GIS. Thematic maps of tourism attractions and services, density, distances, and critical issues were produced, highlighting a spatial concentration in the urban centers of the CO municipalities. It is concluded that the maps are important for the tourism planning process of the IGR and its associated municipalities, as they are crucial for their decisions, actions, and policies.

Keywords: Tourism planning. Tourism geography. Geographic Information System. Circuito do Ouro.

// RESUMEN

El turismo brasileño muestra un bajo rendimiento, en parte debido a la ineficacia de las acciones de planificación y gobernanza (cuando existen), las cuales dependen de la existencia, disponibilidad y calidad de la información para los gestores tanto públicos como privados. El objetivo de este trabajo es respaldar la planificación turística de la Instancia de Gobernanza Regional (IGR) Circuito del Oro (CO) mediante la cartografía de su oferta, la elaboración de mapas temáticos y el procesamiento de datos espaciales en un Sistema de Información Geográfica (SIG) para orientar la toma de decisiones. El estudio se basó en la literatura sobre planificación, análisis espacial y SIG aplicados al turismo. Se identificó que la bibliografía nacional existente es escasa y que, empíricamente, no hay datos especializados disponibles sobre el contexto en cuestión. Metodológicamente, a partir del inventario turístico, el IBGE y el Instituto Prístino, se creó una base de datos que contiene servicios, instalaciones y atracciones turísticas, y la información espacial se compiló a través de SIG. Se produjeron mapas temáticos de las atracciones y servicios turísticos, densidad, distancias y problemas críticos, que resaltan una concentración espacial en los centros urbanos de los municipios del CO. Se concluye que los mapas son importantes para el proceso de planificación turística de la IGR y sus municipios asociados, siendo fundamentales para sus decisiones, acciones y políticas.

Palabra Clave: Planificación turística. Geografía del turismo. Sistema de Información Geográfica. Circuito do Ouro.

INTRODUÇÃO

Institucionalmente entendido como um conjunto de atividades realizadas por pessoas fora de seu ambiente habitual, para fins de lazer, negócios ou outros, por um período não superior a um ano consecutivo, durante as viagens e estadias (Organização Mundial do Turismo, 2001), o turismo é um fenômeno socialmente situado (Hall; Williams; Lew, 2004), que interage com outros campos e temas, em particular com o tempo livre, lazer e recreação.

O turismo tem sido promovido e defendido como uma força social (Higgins-Desbiolles, 2006; Pimentel et al., 2023) e também como uma atividade econômica de grande relevância na atualidade (Rabahy, 2020). No entanto, como demonstram Pimentel et al. (2024), apesar do crescimento considerável experimentado em certos momentos recentes, ao longo do último século no Brasil, o turismo brasileiro, especialmente o receptivo internacional, ainda é modesto quando comparado ao conjunto de recursos disponíveis, recebendo um fluxo similar ao de países vizinhos de menor porte, como Argentina e Chile (The World Bank, 2023).

De acordo com Winkert e Vicentini (2015), mesmo que a atividade turística tenha como foco principal os benefícios econômicos, ela também é capaz de gerar diversos outros benefícios para uma localidade, desde que seja planejada corretamente. Questões como o bem-estar da comunidade local, a preservação da cultura e do meio ambiente são favorecidas quando a atividade conta com um planejamento sólido e bem estruturado. Nesse sentido, o turismo utiliza parte do espaço geográfico por meio de diversos mecanismos – como o uso de meios de hospedagem, serviços de alimentos e bebidas, transportes e espaços para eventos e lazer – para promover o consumo dos territórios (Cruz, 2000).

A atividade turística tem desempenhado um papel importante, especialmente em localidades com economias de pequeno porte, na promoção do desenvolvimento local. Por isso, destaca-se a necessidade de desenvolver um produto turístico estratégico, com o objetivo principal de aumentar a permanência dos turistas na região, fomentando a economia local (Tavares; Júnior; Queiroz, 2010). Tavares e Batista (2013) argumentam que, se um conjunto de atrativos em municípios relativamente próximos for agrupado como um único destino, aumentariam as chances de desenvolver uma atividade turística sólida na região, beneficiando todos os municípios envolvidos.

Dessa forma, buscando “[...] agrupar organizações ligadas ao turismo localizadas em uma região com características turísticas próprias, formando um produto turístico integrado” (Gomes; Silva; Santos, 2008, p. 202), o governo do Estado de Minas Gerais implementou, em 2003, a política de turismo denominada Circuitos Turísticos (CT), considerada um agrupamento de cidades de uma mesma região, com semelhanças culturais, históricas e sociais, visando organizar e desenvolver o turismo de forma sustentável (Secult, 2009).

O Decreto nº 48.804 define esses circuitos como:

associações sem fins lucrativos integradas por municípios de uma mesma região com afinidades culturais, sociais e econômicas, que se unem para organizar, desenvolver e consolidar a atividade turística local e regional de forma sustentável, regionalizada e descentralizada, com a participação da sociedade civil e do setor privado. (Minas Gerais, 2024, p. 1)¹.

A criação de circuitos turísticos tem se mostrado relevante, pois, “como grande parte dos municípios que os compõem possui economias pouco desenvolvidas, a criação desses circuitos é uma nova possibilidade de progresso e geração de novas oportunidades” (Tavares; Junior; Queiroz, 2010, p. 27). Assim, a estruturação eficaz dos circuitos turísticos torna-se crucial para atender às expectativas de todos os agentes envolvidos no turismo regional.

Para que a atividade turística atinja os níveis desejados, é fundamental um planejamento estruturado para o desenvolvimento ordenado do espaço turístico e uma gestão eficiente das ações de promoção e manutenção da atividade (Silva; Miranda, 2013). O planejamento consciente é essencial para a preservação e o desenvolvimento sustentável dos espaços turísticos (Silva; Silva, 2014). A falta de um planejamento consistente pode gerar problemas, como impactos negativos nos aspectos econômicos, culturais, sociais e ambientais (Alves; Medeiros; Maracajá, 2012). Um planejamento turístico mal elaborado pode acarretar consequências catastróficas em determinadas localidades (Scheuer, 2011).

Nesse sentido, elaborar um planejamento que organize e direcione as ações humanas sobre uma localidade turística evita consequências negativas que possam comprometer sua atratividade (Binfaré et al., 2016). Além disso, o desenvolvimento sustentável da atividade turística requer investimentos em pesquisa para formar uma base de conhecimento que melhor oriente o planejamento (Alvares; Lourenço, 2015).

A prática do turismo exige um planejamento adequado do espaço turístico (Lazzarotti et al., 2008). A evolução tecnológica, como o uso da cartografia turística, facilita essa análise espacial (Burda; Martinelli, 2014). Os mapas temáticos desempenham um papel importante no planejamento do turismo, proporcionando representações claras e objetivas (Fiori, 2010). Tal relevância fica ainda mais clara nas palavras de Duque e Mendes (2006, p. 75):

A cartografia proporciona ao planejamento turístico uma maior confiabilidade dos dados obtidos, uma contextualização do espaço de trabalho, além da possibilidade de se realizar um cruzamento de uma gama de informações complexas, através de um Sistema de Informações Geográficas, proporcionando análises ambientais precisas e a visualização de cenários futuros.

¹ Os circuitos turísticos foram estabelecidos em Minas Gerais originalmente, em 2001, como parte de uma estratégia de desenvolvimento regional através do turismo, sendo assim definidos, à época, pelo Decreto nº 43.321: “um conjunto de municípios de uma mesma região, com afinidades culturais, sociais e econômicas que se unem para organizar e desenvolver a atividade turística regional de forma sustentável, através da integração contínua dos municípios, consolidando uma atividade regional (Minas Gerais, 2003).

A cartografia turística, como um ramo da cartografia temática, é essencial para o planejamento e compreensão do espaço turístico (Oliveira; Romão, 2021), pois “o espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos, que são a matéria-prima dessa atividade” (Lazzarotti et al., 2008, p. 9). Ela busca representar de forma eficaz o espaço turístico, especialmente em relação ao uso de símbolos nos mapas (Oliveira; Romero, 2015). Os Sistemas de Informação Geográfica (SIGs) têm se mostrado fundamentais para o desenvolvimento do turismo, permitindo a integração de dados e facilitando análises espaciais (Aguilar; Garrido, 2001; Mena et al., 2007; Niño; Danna, 2016).

Assim, a cartografia turística e o uso de SIGs são essenciais para o planejamento e para o desenvolvimento sustentável do turismo, pois “oferecem opções para a representação da atividade, o conhecimento e o planejamento do turismo” (Burda; Martinelli, 2014, p. 25). Essas ferramentas atendem às crescentes demandas do setor turístico (Menezes; Fernandez, 2008), garantindo uma representação precisa e facilitando análises espaciais (Silva et al., 2012; Schmidt; Ramos; Santos, 2015), sendo reconhecidas como essenciais para o planejamento turístico. Lohanne (2020) afirma que os mapas representam a lógica espacial de um determinado lugar e que a cartografia é, para o turismo, uma das melhores formas de transmitir representações espaciais na sociedade atual.

Atualmente, a utilização de sistemas computacionais, como os SIGs, facilita a elaboração de mapas, permitindo a coleta, armazenamento, processamento e apresentação de dados georreferenciados (Oliveira; Romão, 2021). Segundo Silva et al. (2012, p. 111), “os SIGs permitem o desenvolvimento de uma simulação da realidade espacial a fim de facilitar as análises espaciais”. No contexto brasileiro, Schmidt, Ramos e Santos (2015, p. 10) ressaltam que:

No Brasil, nos últimos anos, vêm sendo desenvolvidas pesquisas na área do turismo utilizando o Sistema de Informação Geográfico (SIG), demonstrando sua importância para a construção de uma base de dados espacial para melhor análise na área do turismo: ecoturismo, turismo urbano, turismo cultural e histórico ou turismo na Internet, facilitando seu planejamento e gestão.

Segundo Polidoro e Barros (2010, p.10), o SIG se tornou uma ferramenta essencial para “sistematizar múltiplas informações disponíveis em diversas fontes, capaz de agregar dados em um único banco”. Considerando os diferentes pontos levantados pelos autores, percebe-se que os SIGs constituem um conjunto de elementos computacionais (*hardware* e *software*) atrelados a componentes capazes de: coletar, armazenar, processar e analisar dados georreferenciados, sendo sua utilização de grande importância no processo de planejamento da atividade turística. Nesse sentido, no turismo, os mapas auxiliam na compreensão do espaço turístico.

De forma geral, um dos principais problemas do turismo brasileiro reside em sua baixa performance, derivada majoritariamente da inefetividade das ações (quando existentes) de planejamento, gestão e governança. Um dos fatores condicionantes do planejamento é a

existência, disponibilidade e qualidade das informações utilizadas pelos tomadores de decisão, sejam eles públicos ou privados.

Especificamente, o desafio é duplo: do ponto de vista teórico, a revisão de literatura relacionada ao planejamento, análise espacial e Sistemas de Informações Geográficas aplicados ao turismo ainda representa uma parcela marginal nos estudos turísticos, sendo a bibliografia nacional encontrada sobre a temática bastante incipiente. Do ponto de vista prático, não há dados especializados disponíveis sobre as Instâncias de Governança Regional (IGRs) e os destinos turísticos mineiros. Qualquer ação de planejamento e gestão eficiente do turismo torna-se severamente comprometida, já que decisões importantes sobre alocação de recursos escassos podem ser baseadas em percepções distantes da realidade.

Localizada na porção central de Minas Gerais, a Instância de Governança Regional (IGR) Circuito do Ouro reúne 15 municípios historicamente ligados ao ciclo do ouro — entre eles Ouro Preto, Mariana e Sabará — e integra a rota da Estrada Real. O território concentra atrativos de relevância internacional, como o conjunto arquitetônico de Ouro Preto e o Santuário do Caraça, além de parques naturais inseridos no Quadrilátero Ferrífero. Apesar desse potencial, a distribuição de serviços e infraestrutura turística é desigual, com forte concentração nos núcleos urbanos e lacunas nas áreas periféricas, agravadas pela ausência de dados territoriais padronizados que orientem o planejamento integrado; nesse cenário, impõe-se a necessidade de uma cartografia sistematizada da oferta turística da região.

Neste contexto, o estudo mapeia a oferta turística da IGR Circuito do Ouro em um Sistema de Informação Geográfica (SIG), produzindo cartogramas que apoiam a tomada de decisões. Os resultados incluem a localização de atrativos e serviços, análises de densidade e distância, bem como a identificação das principais problemáticas. Observou-se uma concentração espacial relativa da oferta de serviços turísticos nos núcleos urbanos dos municípios do CO.

A organização dessa política pública de regionalização tem fomentado e contribuído para o crescimento do turismo em todo o estado de Minas Gerais, concretizando os ideais do Programa de Regionalização do Turismo (PRT), proposto pelo Ministério do Turismo (Emmendoerfer, 2008; Brasil, 2003). De acordo com Costa e Carvalho (2004), o PRT “determina a criação ou fortalecimento, onde já existe, de Instâncias de Governança Regional nas localidades onde a atividade turística é desenvolvida”. Suas principais contribuições estão relacionadas à descentralização e regionalização de ações, que, de certa forma, diminuiriam as distâncias criadas pela burocracia entre o Estado e os municípios de cada região. No entanto, a correta estruturação dos Circuitos Turísticos “é fundamental para o atendimento das expectativas de todos os envolvidos na atividade turística” (Tavares Junior e Queiroz, 2010, p.27). Segundo a Secult (2002, apud Fonseca; Silva; Emmendoerfer, 2007, p.6), um circuito turístico pode:

Potencializar os esforços para promover o desenvolvimento turístico sustentável por meio de parcerias e associações de diferentes naturezas jurídicas; buscar meios para capacitação profissional no setor com convênios; aumentar o fluxo e a permanência do turista na região; preservar e resgatar os patrimônios culturais e naturais; melhorar a qualidade de vida do município e o atendimento ao turista.

À luz dessas diretrizes, torna-se imprescindível investigar como a oferta turística se distribui espacialmente dentro dos circuitos, de modo a orientar intervenções que concretizem os princípios de regionalização descritos acima.

PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A matriz metodológica deste trabalho pode ser considerada indutiva. De acordo com Almeida (2009, p. 1), o processo de indução caracteriza-se como um método científico empirista que “considera o conhecimento como baseado na experiência; a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta e é elaborada a partir de constatações particulares”. Como o tema da pesquisa (SIG e Turismo) ainda possui poucos estudos e se trata de uma nova forma de utilizar o inventário turístico de Minas Gerais, a pesquisa pode ser caracterizada como exploratória. Pesquisas exploratórias são úteis quando a temática em estudo ainda é pouco investigada, tendo o objetivo de proporcionar um ponto de vista sobre determinado assunto, buscando “padrões, ideias ou hipóteses, ao invés de testar ou confirmar uma hipótese” (Collis; Hussey, 2005, p. 24; Munaretto; Corrêa; Cunha, 2013).

Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os temas planejamento do turismo, geografia do turismo, análise espacial do turismo, SIG e turismo. A partir disso, foram produzidos mapas de distribuição e densidade em um SIG para o diagnóstico do turismo (etapa do planejamento turístico), adaptando-as de acordo com as informações cartográficas e os dados turísticos do inventário da oferta turística, e conforme os anseios e as necessidades dos municípios do CO, em Minas Gerais, atualmente composto por 15 municípios: Barão de Cocais, Caeté, Catas Altas, Congonhas, Itabira, Itabirito, Mariana, Nova Era, Nova Lima, Ouro Branco, Ouro Preto, Raposos, Rio Acima, Sabará e Santa Bárbara.

Essa abordagem tornou-se viável apenas em 2017, quando a Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais estabeleceu um novo formato de inventário que exige a inserção de informações georreferenciadas. Desde então, para que os municípios que participam dessa política de regionalização do turismo obtenham verba do ICMS Turístico, é obrigatório alimentar o Portal Minas Gerais com o novo modelo de inventário da oferta turística (Secult, 2022).

O inventário da oferta turística do CO de 2021, disponível no Portal Minas Gerais (<http://www.minasgerais.com.br>), foi organizado em um SIG por meio do programa ArcGIS (versão 10.5). As informações geográficas dos atrativos e serviços turísticos foram integradas aos atributos e dados organizados em uma planilha eletrônica do Microsoft Excel. Para a realização das análises, foram contabilizados e utilizados ao todo: 89 serviços de meios de transporte, 57 agências de viagem e turismo, 62 serviços de informações turísticas, 102 locais de lazer e entretenimento, 96 espaços de eventos, 315 atrativos culturais, 184 atrativos naturais, 293 serviços de hospedagem e 566 serviços de alimentação.

Realizaram-se análises espaciais de distribuição e densidade, utilizando a técnica de interpolação Kernel, com quebras naturais estatísticas divididas em 5 classes, representando os

índices de distribuição Muito Baixa (amarelo), Baixa (laranja claro), Moderada (laranja escuro), Alta (vermelho) e Muito Alta (vermelho escuro).

Por meio da ferramenta buffer, foram elaborados mapas temáticos com as medidas das distâncias entre atrativos, serviços de alimentação e hospedagem, utilizando raios de três, dois e um quilômetro, visando representar as relações entre os atrativos e serviços.

Utilizaram-se dados da Pesquisa de Demanda Turística de Minas Gerais, realizada em 2017 pelo Observatório do Turismo, na qual foram entrevistadas 7.365 pessoas, para auxiliar nas análises espaciais. A interpretação crítica dessas análises se mostrou importante para o diagnóstico do turismo no CO. A partir das informações organizadas em um SIG, utilizando o software ArcGIS (versão 10.5), foram confeccionados mapas sobre o uso e as potencialidades turísticas dos municípios do CO.

DESCRIÇÃO DO LOCUS E OBJETO DE ESTUDO CIRCUITO DO OURO

Ouro Preto é considerada uma das principais cidades turísticas de Minas Gerais, apresentando uma grande dinâmica turística devido ao seu patrimônio histórico-cultural e aos atrativos naturais (Assis; Vieira, 2007). Tenório (2019, p. 41) destaca que a cidade possui “características marcantes do período colonial”. Segundo um estudo realizado pelo Ministério do Turismo, Fundação Getúlio Vargas e Sebrae (2008), o município de Ouro Preto está entre os 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional do Brasil.

Desde que Ouro Preto deixou de ser a capital de Minas Gerais, em 1897, a cidade se consolidou como uma das principais cidades históricas do mundo, recebendo, em 1980, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco (Shishito et al., 2005).

A cidade de Ouro Preto está presente no CO desde meados da década de 1950, mas sua participação como política de governo, com maior articulação entre os atores sociais, só se consolidou a partir da criação da política pública de Circuitos Turísticos, em 2001 (Alvares; Lourenço, 2015). A participação do município de Ouro Preto no CO foi uma “inovação do ponto de vista estratégico e dos sistemas de gestão”, sendo uma cidade com grande fluxo de turistas em nível nacional e beneficiada por diversos programas governamentais de incentivo e fomento ao turismo (Alvares; Lourenço, 2011).

Localizado na área central do estado, o CO é formado por algumas das cidades que participaram do Ciclo do Ouro no século XVIII e que agora possuem um vasto potencial para a exploração da atividade turística, fatores que o tornam o principal circuito turístico de Minas Gerais (Machado; Resende; Silva, 2017). Amaral e Silva (2009) afirmam que esse circuito turístico “agrega boa parte das cidades históricas do estado de Minas Gerais”.

Destaca-se que o CO também integra a rota da Estrada Real, de importância nacional e internacional, composta por mais de cem municípios, em sua maioria de Minas Gerais (Alvares; Paula, 2019). A rota é considerada por muitos o maior circuito turístico do Brasil, com “grande potencial para promover o crescimento econômico e o desenvolvimento social da região de influência dos municípios que a compõem” (Duarte; Júnior, 2006). Assim, dado o enorme potencial existente no CO, torna-se necessário que o planejamento, a organização, a tomada de

decisão e o controle sejam essenciais para a consolidação dos circuitos turísticos (Tavares, 2015), o que pode ser fortemente aprimorado pela análise espacial.

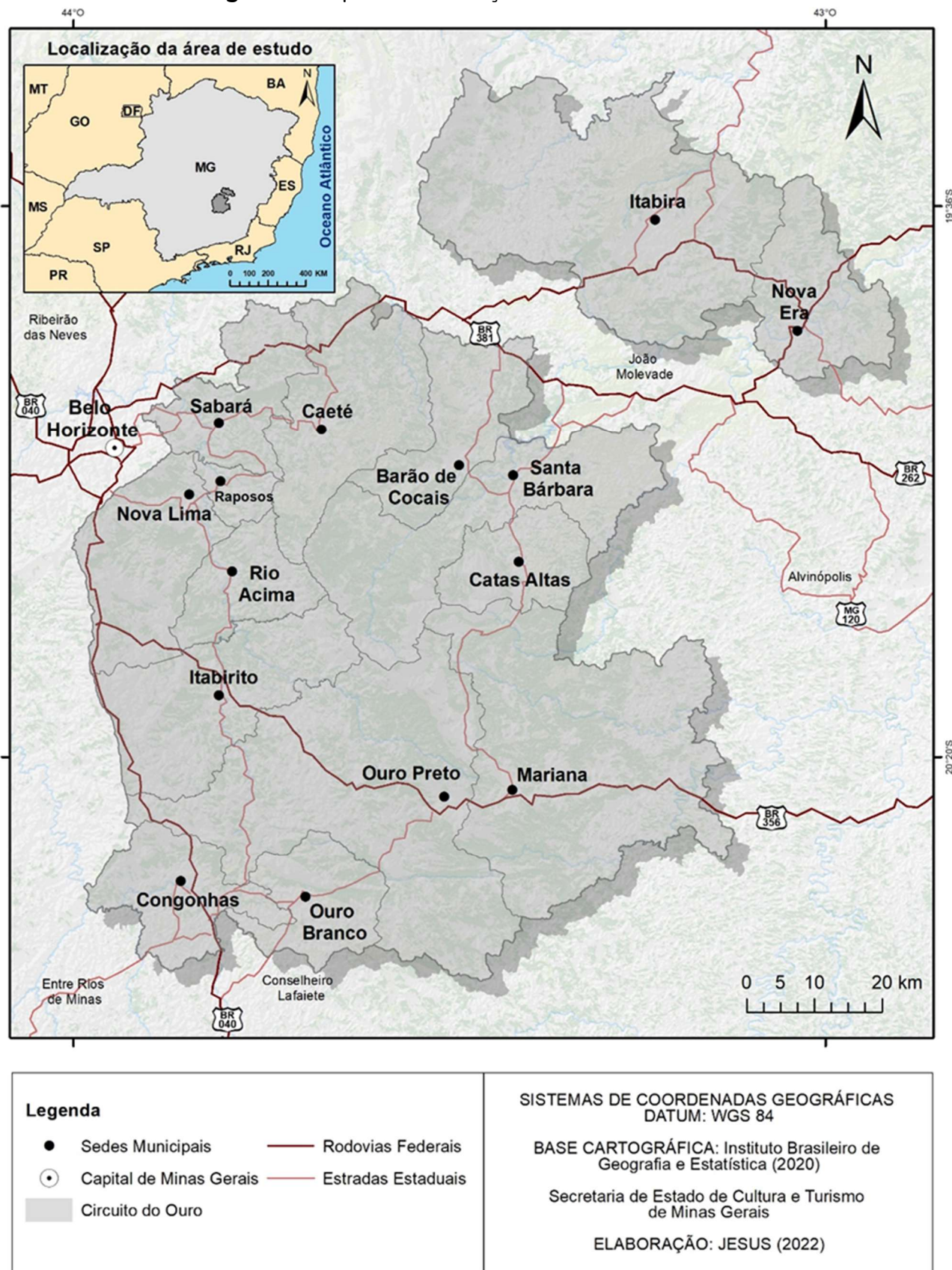
CARTOGRAFIA DA OFERTA TURÍSTICA DO CIRCUITO DO OURO

O CO é um circuito turístico do estado de Minas Gerais, localizado nas mesorregiões da Zona da Mata e da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Atualmente, esse circuito abrange uma região turística composta por 15 municípios que compartilham diversas semelhanças históricas e culturais, devido à intensa exploração de ouro e pedras preciosas ocorrida no final do século XVII e no século XVIII. Essas localidades, hoje integrantes do CO, oferecem uma variedade de atrativos culturais, como casarões, igrejas, museus, santuários e outras memórias históricas (Universidade Federal de Ouro Preto, 2019).

A sede do circuito está localizada em Ouro Preto. As principais rotas de acesso entre Belo Horizonte e Ouro Preto estão representadas na Figura 1, sendo a mais utilizada a BR-356, com um trajeto de aproximadamente 100 km, que, segundo o Google Maps, pode ser percorrido em cerca de 1 hora e 40 minutos de carro.

Na elaboração do mapa do CO, foram incluídas as principais rodovias federais e estaduais que cruzam o espaço geográfico do circuito: BR-040, BR-381, BR-262, BR-356 e MG-120. Foram aplicadas camadas de efeitos suaves para destacar aspectos da vegetação, além dos rios e florestas da área de estudo, conforme pode ser observado na Figura 1.

Figura 1. Mapa de localização do Circuito do Ouro



Fonte: Autores (2024)

SERVIÇOS DE MEIOS DE TRANSPORTE

O setor do turismo envolve o deslocamento voluntário e temporário de indivíduos que saem de seu local de residência habitual para outro. A maioria desses deslocamentos ocorre por meio de transportes que podem ser aéreos, aquáticos ou terrestres. No Brasil, há uma predominância de transportes terrestres, especialmente os rodoviários (automóveis e ônibus), não apenas no turismo, mas nos meios de transporte em geral (Palhares, 2002).

Dados da pesquisa de demanda turística de Minas Gerais, realizada pela Secretaria de Estado de Turismo e Esporte em 2017 e disponibilizada pelo Observatório do Turismo, revelaram que 49,9% dos entrevistados viajaram para cidades mineiras utilizando ônibus rodoviários, seguidos por 34,3% que utilizaram veículo próprio para se deslocar até seu destino. No caso do CO, Machado, Resende e Silva (2017) apontam que a região apresenta “baixa estrutura aeroportuária e poucas conexões ferroviárias locais”, predominando, assim, os transportes rodoviários. Na Figura 2, é possível observar as principais rodovias federais e estaduais que fazem parte do espaço geográfico do CO: BR-040, BR-381, BR-262, BR-356 e MG-120.

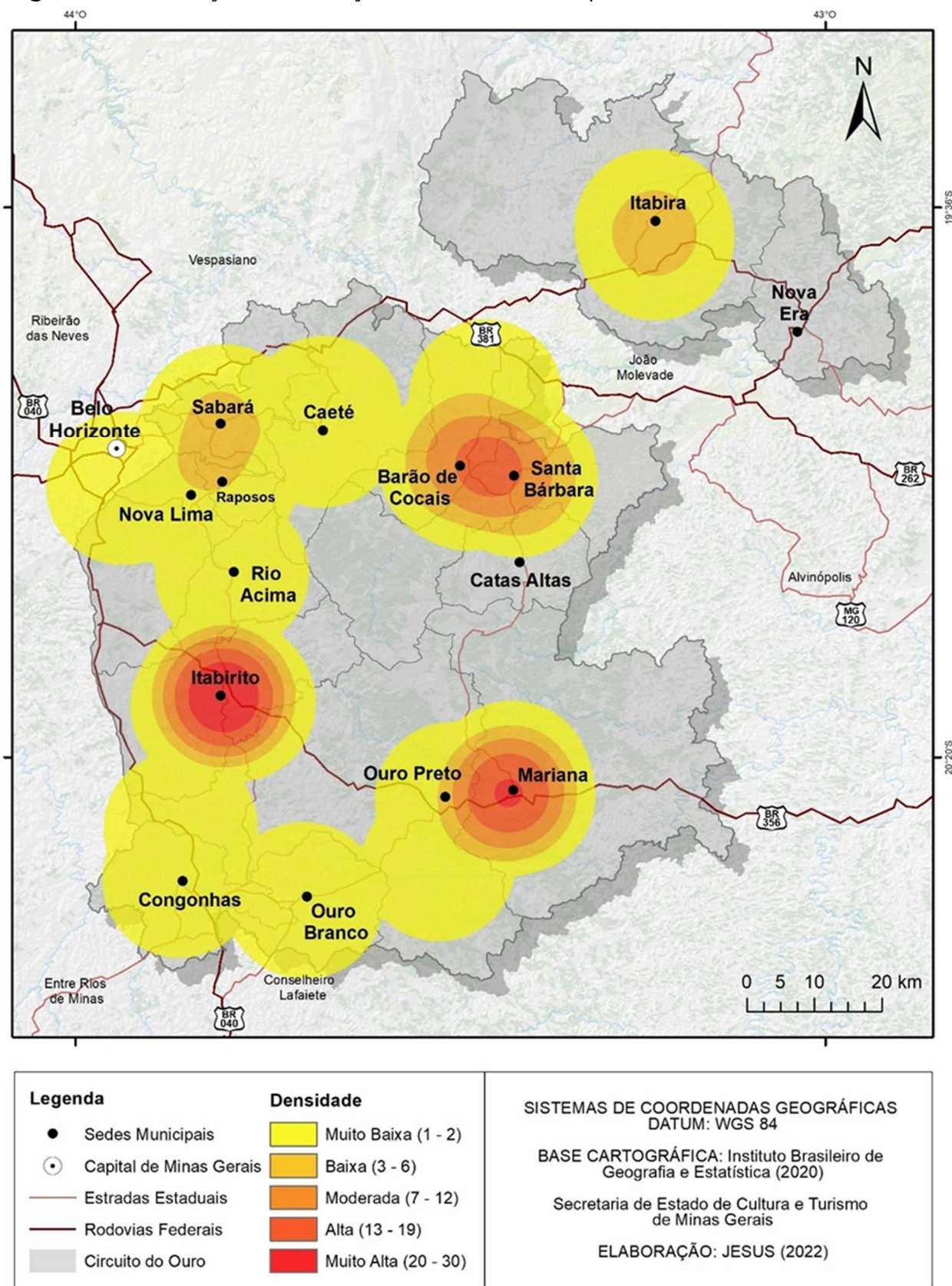
A estrutura espacial da mobilidade turística no Circuito do Ouro (CO) pode ser interpretada, em primeiro lugar, à luz da Teoria dos Lugares Centrais. Belo Horizonte assume o papel de centro de primeira ordem (Christaller, 1966; Conti, 2009) e orienta os fluxos que percorrem as rodovias BR-040, BR381 e BR262, sendo o principal centro emissor de distribuição dos visitantes para os demais municípios do circuito.

Sob a ótica da Geografia dos Transportes, a acessibilidade resulta da interação entre conectividade da malha e tempo/custo de deslocamento (Hansen, 1959; Rodrigue; Comtois; Slack, 2020). No caso do CO, o domínio dos ônibus rodoviários (49,9 %) e dos veículos próprios (34,3 %) confirmam a superioridade da matriz viária sobre as alternativas aérea e ferroviária – situação recorrente no Brasil desde sua expansão rodoviária na segunda metade do século XX (De Paula, 2010).

O mapeamento dos serviços de transporte no CO mostra uma maior concentração no município de Itabirito (30), com uma densidade “muito alta”, destacando-se as transportadoras turísticas (20) e as locadoras de veículos (9). Outro município que apresenta densidade “muito alta”, embora em menor grau, é Mariana (20), onde predominam as locadoras de veículos (16). Ambos os municípios possuem intensa atividade mineradora, o que possivelmente pode ser o motivo de possuírem tantos serviços de locação de automóveis.

Os únicos municípios que não apresentaram nenhuma densidade, conforme ilustrado na Figura 2, foram Catas Altas e Nova Era (0), ambos sem rodoviárias em seus inventários turísticos de serviços de transporte. No subsistema de transporte turístico de Leiper (1990), origem, rota e destino compõem um continuum logístico. Nesse sentido, os corredores formados pelas BR-040, BR381 e BR262 conectam os mercados emissores — Belo Horizonte e o eixo Rio-São Paulo-Vitória — às localidades do CO, favorecendo a concentração de serviços ao longo desses eixos rodoviários, estando Catas Altas e Nova Era localizadas em espaços intersticiais.

Figura 2. Distribuição dos serviços de meios de transportes do Circuito do Ouro



Fonte: Autores (2024)

A acessibilidade representa um fator-núcleo na competitividade de destinos (Ritchie; Crouch, 2005; Dwyer; Kim, 2003). Conforme observado no CO, os eixos rodoviários são importantes condicionantes da densidade de serviços, uma vez que os aeroportos com voos comerciais regulares estão nos municípios de Belo Horizonte e Confins, a noroeste.

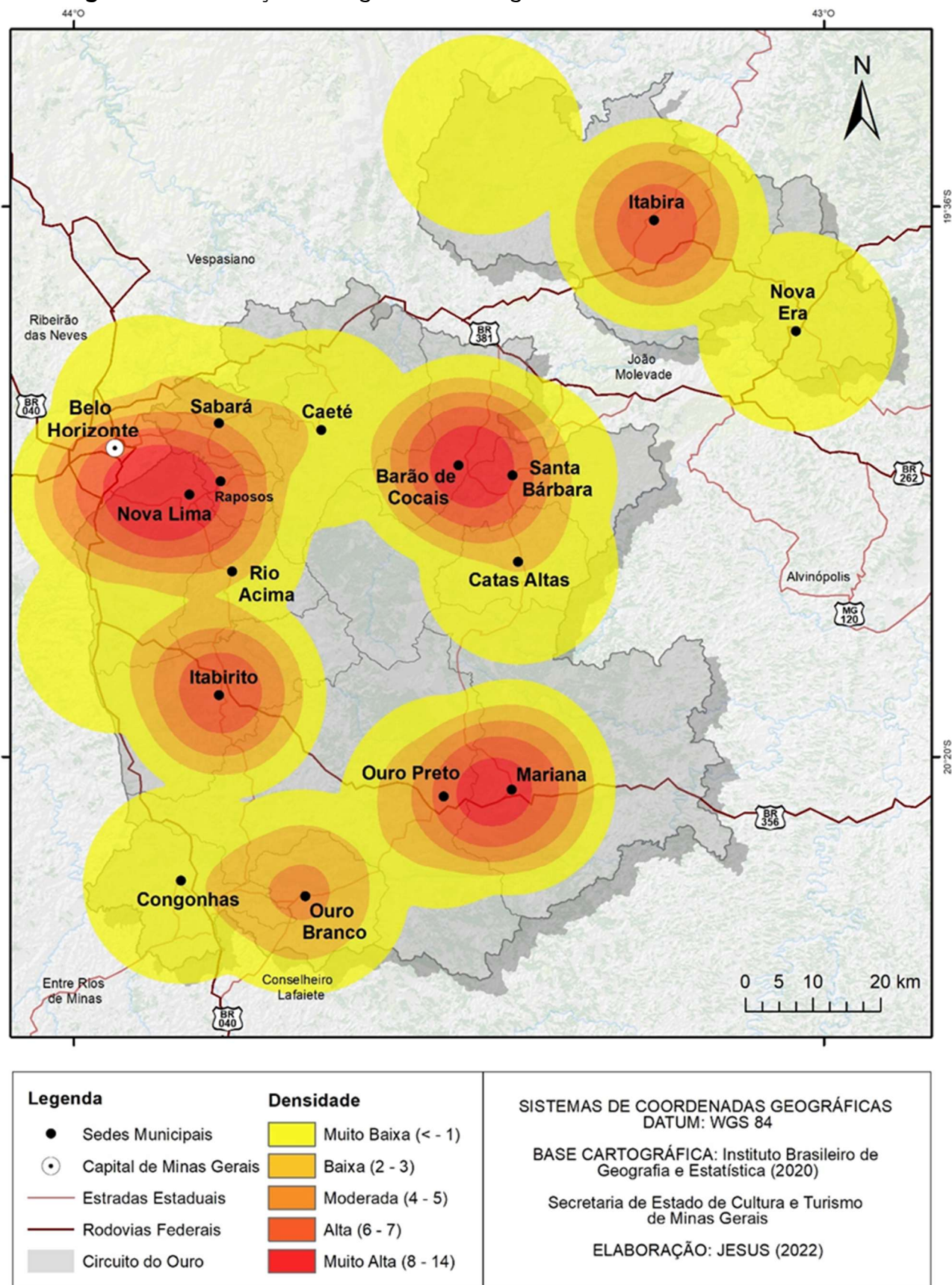
AGÊNCIAS DE VIAGEM E TURISMO

Dados da Secult (2017a) indicam que apenas 2,3% dos turistas que visitam Minas Gerais organizam suas viagens por meio de agências, e somente 0,7% as utilizam como principal fonte de informação para a escolha do destino.

Conforme observado na Figura 3, o município de Nova Lima possui o maior número de agências de viagens e turismo entre as cidades do circuito, totalizando 14 agências. Isso se deve ao fato de o município possuir um maior centro urbano, estar localizado na região metropolitana do estado e apresentar a maior média salarial entre os municípios do circuito, segundo o censo do IBGE (2010). Essa combinação de fatores aumenta a disposição da população local para pagar por serviços de agenciamento de viagens. Em seguida, o município de Barão de Cocais conta com oito agências de viagens e turismo, um número significativo para a região, seguido por Itabira e Mariana, com sete agências cada, e Itabirito, com seis. Rio Acima é o único município do CO que atualmente não possui nenhuma agência de viagem e turismo, sendo necessário recorrer às cidades vizinhas para acessar esse tipo de serviço.

Um dado inesperado ilustrado no mapa é a pequena quantidade de agências de viagens e turismo em Ouro Preto (3). Considerando o grande fluxo de turistas que o município recebe, seria de esperar um número maior de agências. Esse fato, contrastante com o identificado nos inventários turísticos, pode ser explicado pela possível escassez de agências de turismo receptivo na cidade, ou pela existência de outras agências que não foram incluídas no inventário turístico.

Figura 1. Distribuição das agências de viagem e turismo do Circuito do Ouro



Fonte: Autores (2024)

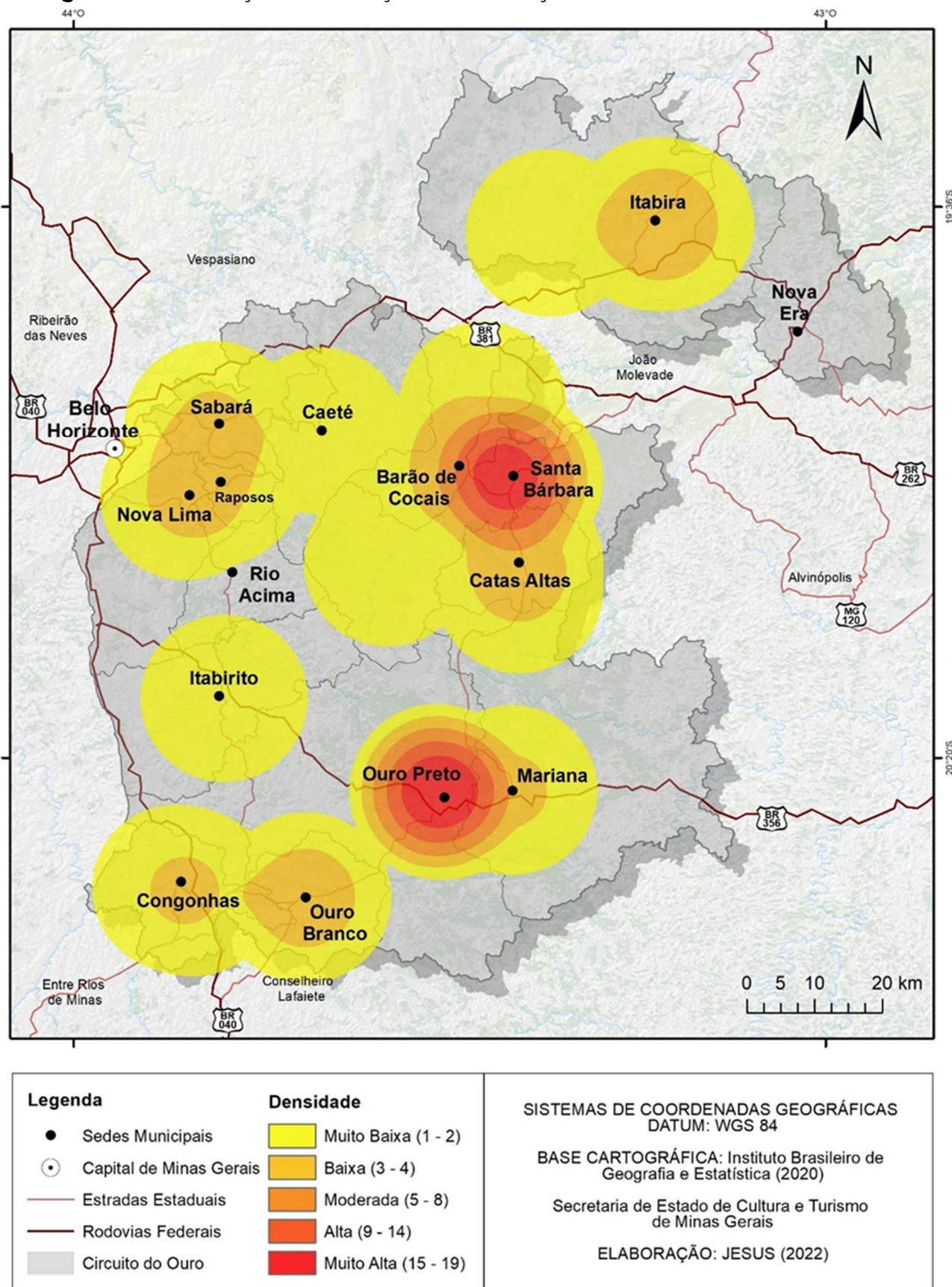
SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS

Os Serviços de Informações Turísticas (SIT) têm como objetivo atender visitantes e turistas, desempenhando um papel fundamental na promoção de uma cidade. Por meio desses serviços, tanto turistas quanto moradores recebem orientações e informações sobre os atrativos e serviços turísticos disponíveis. A maior parte desses serviços é oferecida por guias de turismo, embora existam outros espaços que também cumprem essa função, como os Centros de Atendimento ao Turista (CAT), associações e secretarias municipais de turismo.

O mapeamento dos serviços de informações turísticas no CO, apresentada na Figura 4, revela que Ouro Preto (20) é o município com a maior oferta desse tipo de serviço entre as cidades do circuito, exibindo a maior densidade classificada como "muito alta". Os guias de turismo (17) são os principais prestadores desse serviço, seguidos por um CAT (1) e uma associação comercial (1). Esse número expressivo de guias está diretamente relacionado ao grande fluxo de turistas na cidade, embora apenas 8% dos visitantes utilizem algum serviço de guia, conforme dados da Secult (2017b).

A cidade de Santa Bárbara também apresentou uma densidade "muito alta", com 17 serviços de informações turísticas. Assim como em Ouro Preto, os guias de turismo prevalecem, totalizando 11, além de cinco associações e um CAT. Por outro lado, os municípios de Nova Era e Rio Acima não possuem nenhum tipo de serviço de informações turísticas em seus inventários, conforme mostrado na Figura 4.

Figura 4. Distribuição dos serviços de informações turísticas do Circuito do Ouro



Fonte: Autores (2024)

ESPAÇOS DE EVENTOS

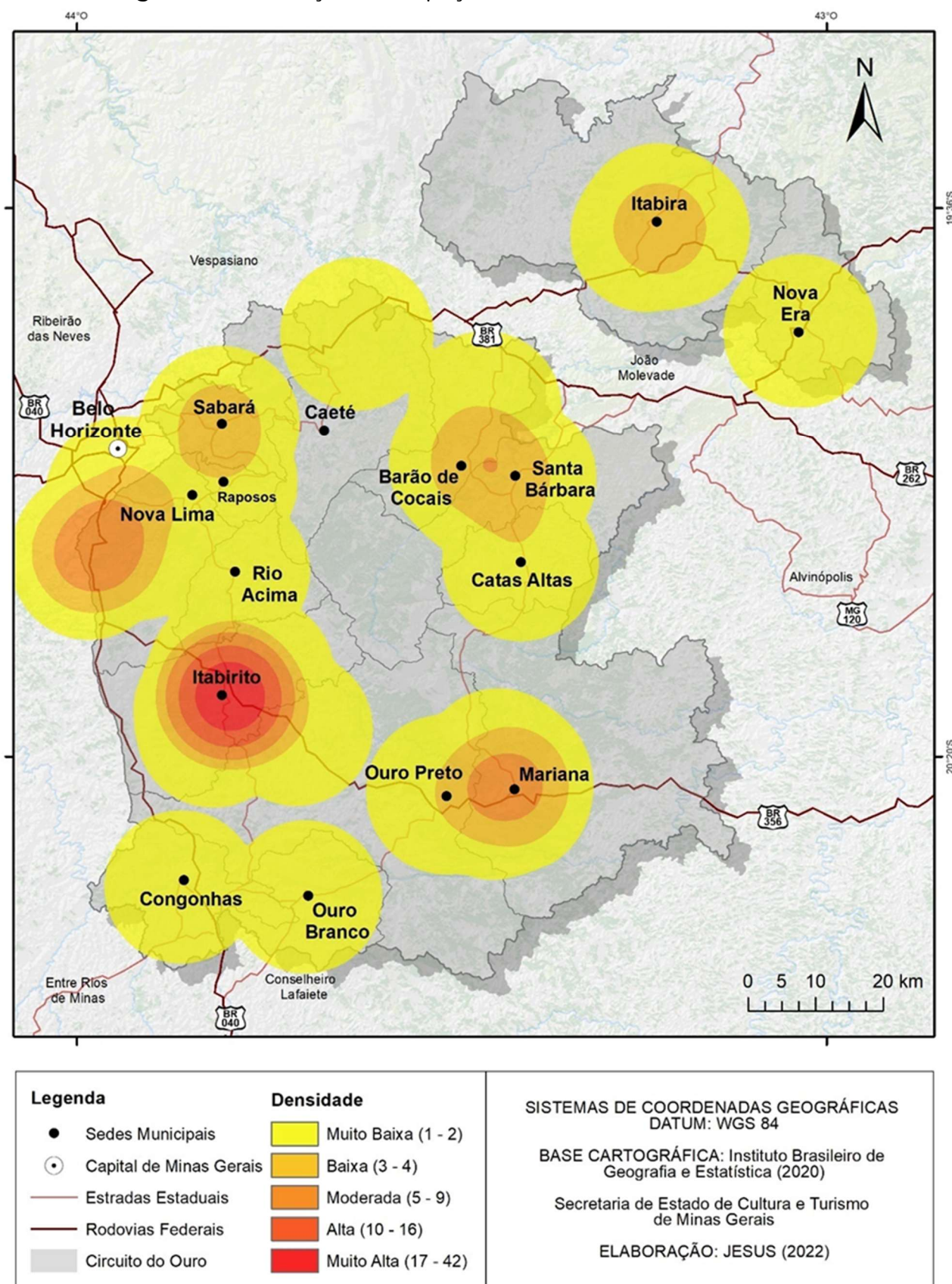
De acordo com o Ministério do Turismo (Brasil, 2010a), o turismo de negócios e o de eventos estão interligados, podendo ocorrer de maneira independente. Isso se justifica pelo fato de ambas as atividades utilizarem espaços em comum, como centros de convenções, hotéis e locais específicos. Por essa razão, o MTur tratou os dois temas de forma conjunta em sua publicação. Geralmente, um turista de evento gasta três vezes mais do que um turista com outra finalidade, além de esse segmento contribuir para melhorias na infraestrutura local e regional, com uma média de estadia entre dois e cinco dias no destino (Tenório, 2019).

Conforme apresentado pela Secult (2017a), existem dois tipos de turistas que viajam para Minas Gerais exclusivamente para usufruir dos espaços de eventos: aqueles que viajam a lazer, para "participar de shows, eventos ou vida noturna", e aqueles que viajam para congressos e convenções, representando um turismo mais voltado para negócios e/ou acadêmico.

No caso do CO, o inventário turístico identificou 96 espaços de eventos, com maior concentração em Itabirito (42), sendo a única região com densidade classificada como "muito alta", destacando-se as empresas organizadoras/promotoras de eventos (14). O mapa também evidencia uma considerável concentração de espaços de eventos na região metropolitana, em Nova Lima (16), e no município de Mariana (10).

Um ponto que chama a atenção no mapa (Figura 5) é a baixa quantidade de espaços de eventos registrada em Ouro Preto (2), com apenas o Centro de Artes e Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e uma empresa privada organizadora de eventos incluídos no inventário turístico. Tenório (2019) observa que Ouro Preto possui forte infraestrutura física para a realização de eventos, o que sugere a existência de possíveis anomalias nos dados do inventário turístico, especialmente considerando que a cidade é palco de eventos renomados, como o Festival Internacional de Jazz e o Festival de Inverno, além de ser um centro universitário, com a UFOP desempenhando um papel importante na realização de eventos acadêmicos e festas universitárias.

Figura 5. Distribuição dos espaços de eventos do Circuito do Ouro



Fonte: Autores (2024)

Diante disso, levanta-se a questão se houve algum erro ou falta de aprofundamento ao compilar os dados do inventário turístico. Para se ter uma ideia, cidades com menor fluxo turístico, como Barão de Cocais (5), Sabará (4) e Catas Altas (2), possuem um número igual ou superior de espaços de eventos em seus inventários quando comparadas a Ouro Preto.

LOCAIS DE LAZER E ENTRETENIMENTO

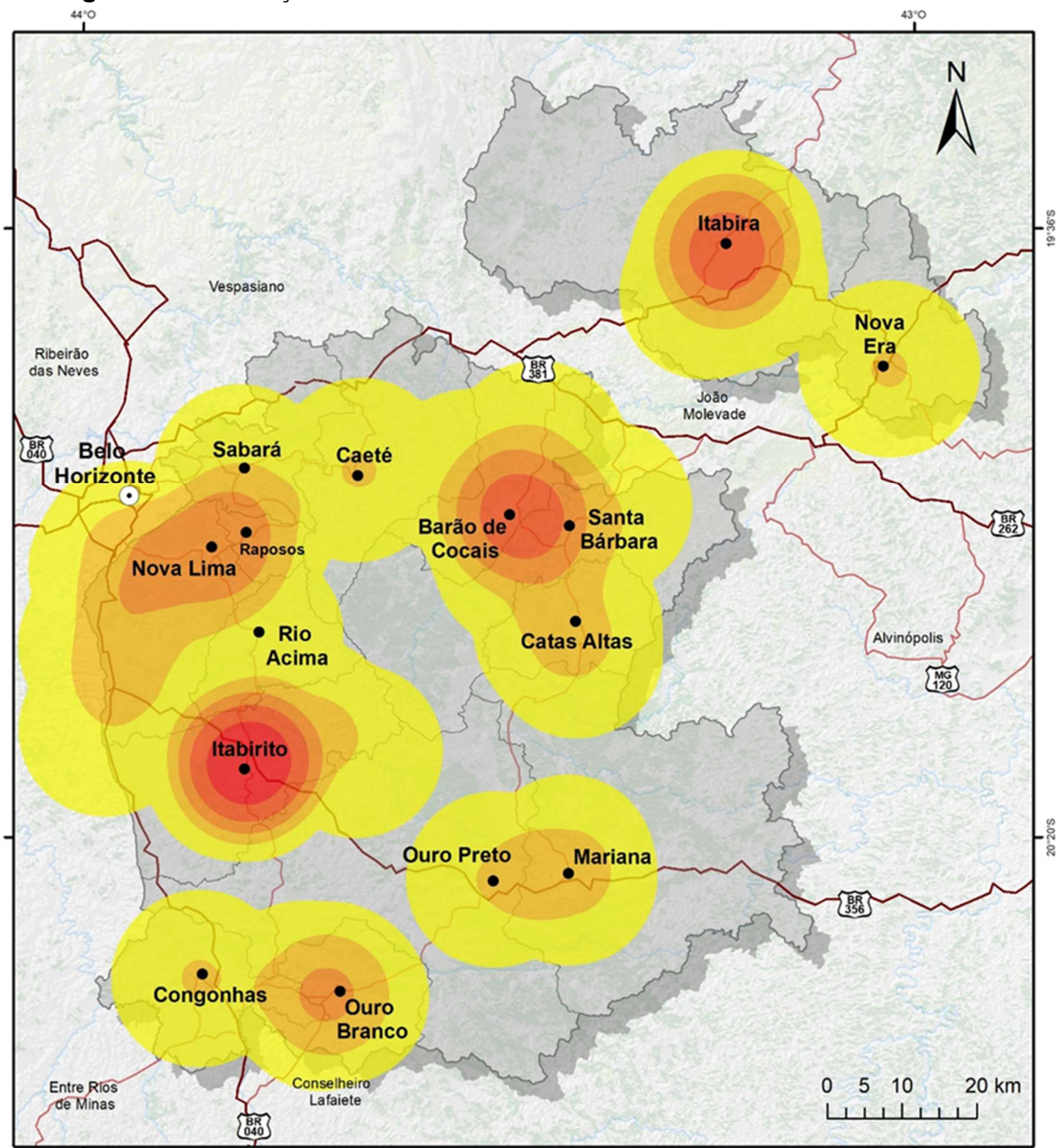
A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001) revela que os gastos dos turistas vão muito além da hospedagem, tendo um grande consumo de alimentos, transportes e atividades de lazer. Silva e Miranda (2013) afirmam que na sociedade atual “o lazer é comercializado e consumido com o intuito de entretenimento, descanso e fuga do tempo de trabalho”, mantendo assim uma estreita relação com o turismo.

O inventário turístico relacionado aos serviços e equipamentos de lazer reúne estabelecimentos ou espaços destinados a recreação, entretenimento e práticas esportivas, compreendendo boates/discotecas, casas de dança, casas de espetáculos, cinemas, clubes, estádios/ginásios/quadras, hipódromos, autódromos e kartódromos, marinas/atracadouros, mirantes/belvederes, parques agropecuários, parques de diversões, parques temáticos, parques/jardins/praças, pistas de boliche ou campos de golfe, pistas de patinação/motocross/bicicross, prestadores de serviços de lazer e entretenimento, além de outros locais semelhantes (MINAS GERAIS, 2021b).

Feito o levantamento dos dados desse inventário e logo em seguida o mapeamento dos locais de lazer e entretenimento do CO, observada na Figura 6, percebeu-se existir uma grande variedade de locais, onde se destacam: praças (18), clubes (8), ginásios esportivos (7), estádios de futebol (7), cinemas (4) e teatros (3). Assim como os espaços de eventos, observado na Figura 5, Itabirito é a localidade que concentra o maior número de locais de lazer e entretenimento, com 27 locais, novamente sendo a única cidade do circuito a estar na camada de densidade “muito alta”. Em seguida, é evidenciado uma alta densidade nos municípios de Nova Lima (16), Itabira (14) e Barão de Cocais (13). Já as cidades de Sabará (1) e Rio Acima (1), apresentarem densidade “muito baixa”, ou seja, oferecem pouquíssimos locais de lazer e entretenimento a seus habitantes e turistas.

É possível observar que o mapa de locais de lazer e entretenimento (Figura 6) possui densidades semelhantes ao dos espaços de eventos (Figura 5), possivelmente pela relação existente entre os eventos com o lazer/entretenimento. Fuchs e Zach (2004) relatam em sua obra que a melhoria constante das atividades turísticas exige integração dinâmica entre os setores inerentes (acomodações, alimentação, eventos, cultura, entretenimento, etc.).

Figura 6. Distribuição dos locais de lazer e entretenimento do Circuito do Ouro.



Legenda

- Sedes Municipais
- ⊙ Capital de Minas Gerais
- Estradas Estaduais
- Rodovias Federais
- Circuito do Ouro

Densidade

- Muito Baixa (1 - 2)
- Baixa (3 - 8)
- Moderada (9 - 15)
- Alta (16 - 21)
- Muito Alta (22 - 27)

SISTEMAS DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS
DATUM: WGS 84

BASE CARTOGRÁFICA: Instituto Brasileiro de
Geografia e Estatística (2020)

Secretaria de Estado de Cultura e Turismo
de Minas Gerais

ELABORAÇÃO: JESUS (2022)

Fonte: Autores (2024)

ATRATIVOS CULTURAIS

Segundo dados da Secult (2017a), a principal motivação e atrativo da viagem dos turistas que viajam a Minas Gerais a lazer/passeio, foram para “visitar locais e festas de riqueza histórico-cultural”, totalizando quase metade dos entrevistados, 45,3%. Os atrativos culturais registrados no Formulário C2, da Plataforma Integrada de Turismo, correspondem a bens materiais e imateriais que revelam a memória, a arte e a identidade do estado, agrupando-se em edificações, feiras e mercados/artesanatos, instituições culturais, manifestações culturais, monumentos e obras de arte, saberes e fazeres e sítios históricos (Secult, 2021c).

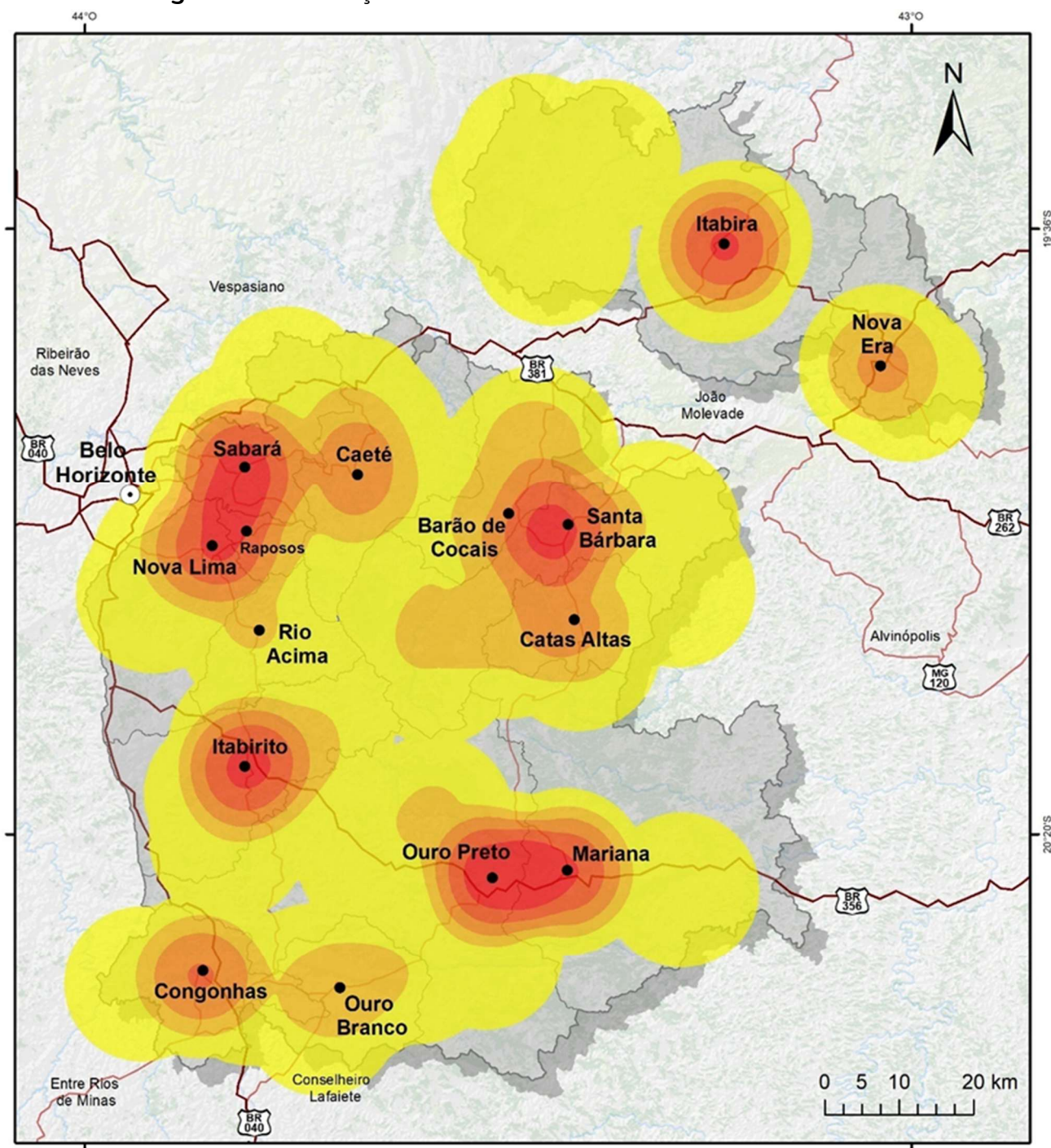
Ouro Preto tem a maior concentração de atrativos culturais dentre as cidades do circuito, como é possível observar na Figura 7, sendo a cidade considerada por muitos como a cidade histórica mais conhecida e famosa de Minas Gerais, por possuir o título de Patrimônio Cultural da Humanidade justamente pela sua riqueza de atrativos culturais, como seu Centro Histórico, o Museu da Inconfidência, a Casa dos Contos, a Basílica de Nossa Senhora do Pilar, dentre outros. O estudo realizado pelo Ministério do Turismo (MTur), juntamente com a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) (2008), que avaliaram os 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional no Brasil, e o município de Ouro Preto aparece como um desses destinos, tendo alcançado o índice mais alto no quesito de aspectos culturais, com números expressivos, bem maiores que a média de outras cidades brasileiras, como é possível observar na Tabela 1.

Tabela 1. Município de Ouro Preto aparece com índice mais alto no quesito aspectos culturais dentre os principais destinos indutores do desenvolvimento turístico regional do Brasil

Dimensões	Brasil*	Sudeste	Não-Capitais	Ouro Preto
Aspectos culturais	54,7	61,6	50,8	85,4

Fonte: Adaptado de MTur, FGV e Sebrae (2008).

Figura 7. Distribuição dos atrativos culturais do Circuito do Ouro



Legenda

- Sedes Municipais
- Capital de Minas Gerais
- Estradas Estaduais
- Rodovias Federais
- Circuito do Ouro

Densidade

- Muito Baixa (1 - 5)
- Baixa (6 - 10)
- Moderada (11 - 16)
- Alta (17 - 24)
- Muito Alta (25 - 40)

SISTEMAS DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS
DATUM: WGS 84

BASE CARTOGRÁFICA: Instituto Brasileiro de
Geografia e Estatística (2020)

Secretaria de Estado de Cultura e Turismo
de Minas Gerais

ELABORAÇÃO: JESUS (2022)

Fonte: Autores (2024)

De forma geral, quase todas as cidades do CO demonstraram possuir um número considerável de atrativos culturais, como ilustrado na Figura 7. Apenas a cidade de Rio Acima apresentou densidade “muito baixa”. Cidades como Santa Bárbara (38), Itabirito (34), Itabira (31) e Mariana (25) também se destacaram por seus diversos atrativos culturais, reflexo das riquezas históricas da região, marcada pelo ciclo do ouro, pelo berço da Inconfidência Mineira, por referências à arquitetura barroca mineira e por suas personalidades famosas, como Carlos Drummond de Andrade, em Itabira.

ATRATIVOS NATURAIS

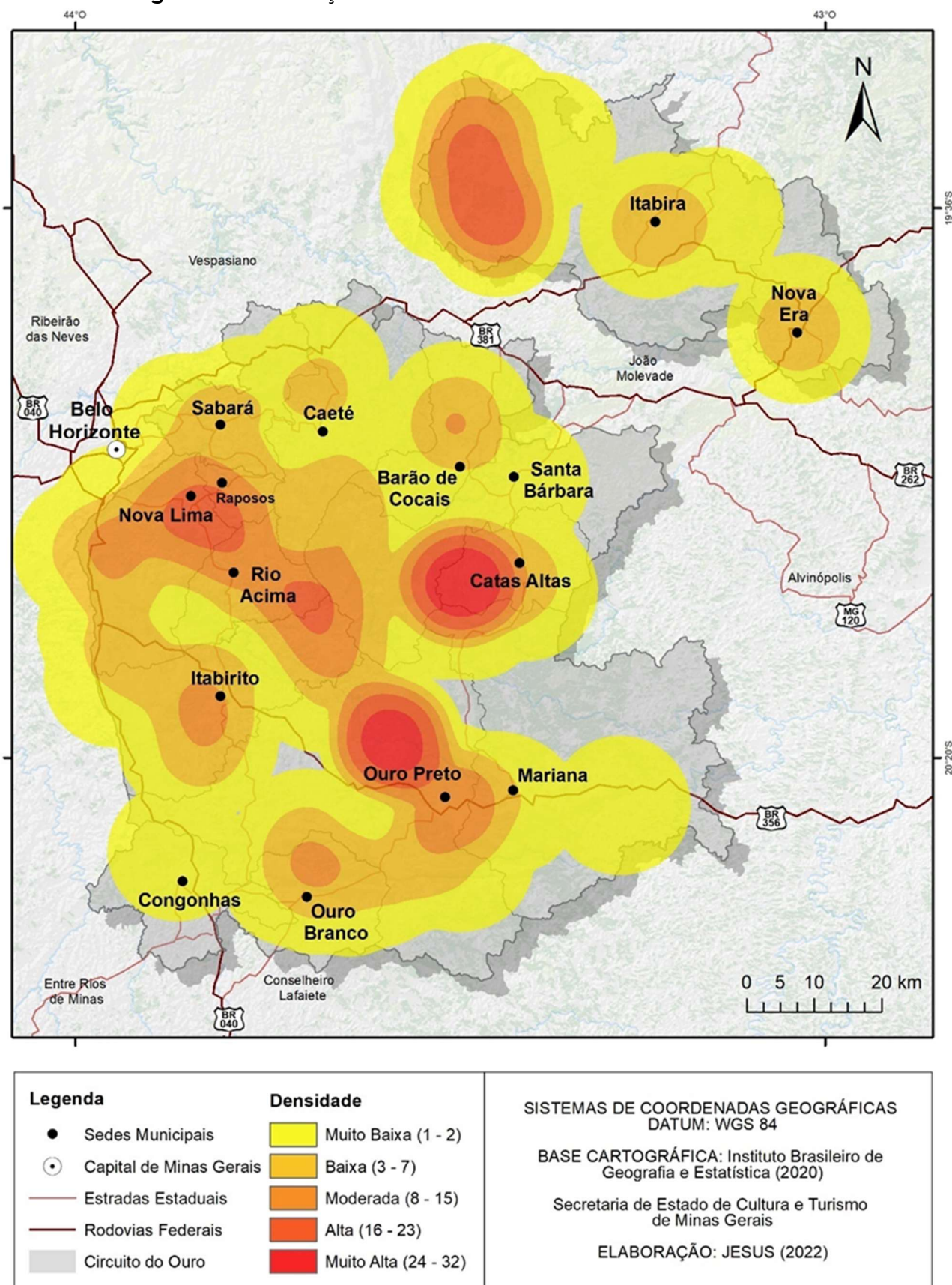
Como já mencionado no subtópico anterior, o principal motivo que atrai turistas a Minas Gerais é a visita aos seus atrativos culturais. Dados da Secult (2017a) apontam que, logo após os atrativos culturais, vêm os aspectos naturais, que atraem turistas em busca de contato com a natureza (paisagens, cachoeiras, parques naturais), o que corresponde a 35,7% dos entrevistados.

Os atrativos naturais registrados no Formulário C1 da Plataforma Integrada de Turismo englobam elementos de ordem física, biológica ou paisagística que motivam deslocamentos turísticos (Secult, 2023), classificados como áreas de pesca, cavernas / grutas / furnas, fauna, flora, fontes hidrominerais e/ou termais, hidrografia, montanhas, planaltos e planícies, quedas-d'água, terras insulares, unidades de conservação, além das categorias “outros” e “costas ou litoral” (Secult, 2021a).

As cidades do CO possuem como biomas predominantes o Cerrado e a Mata Atlântica, ricos em cachoeiras, matas e serras, além de serem reconhecidas pela abundância de metais preciosos. A região foi palco da extração do ouro no Brasil colonial, deixando um rico legado cultural e artístico. Atualmente, continua a se destacar na extração de minério de ferro, ao mesmo tempo em que atrai turistas do Brasil e do mundo (Circuito do Ouro, 2021).

No território do CO, encontram-se diversas unidades de conservação, como o Parque Estadual do Itacolomi, que abrange os municípios de Ouro Preto e Mariana, e a Reserva Particular do Patrimônio Natural Santuário Caraça (Parque Natural do Caraça), localizada nos municípios de Catas Altas e Santa Bárbara. O Parque Nacional da Serra do Gandarela, situado no coração do Quadrilátero Ferrífero, é outra unidade de conservação importante. Além desses parques, grande parte dos municípios do circuito está inserida na Reserva da Biosfera do Espinhaço (Mucida et al., 2019).

Figura 8. Distribuição dos atrativos naturais do Circuito do Ouro



Fonte: Autores (2024)

Após o levantamento dos dados do inventário e o mapeamento dos atrativos naturais do CO (Figura 8), percebeu-se que esses atrativos estão bem distribuídos pela região, com maior concentração em municípios como Itabira (32), Ouro Preto (30), Catas Altas (26), Itabirito (26) e Nova Lima (23). Observou-se que grande parte dos atrativos naturais de Itabira está distante do centro municipal, ou seja, em regiões afastadas, sendo compostos principalmente por cachoeiras (14), serras (6) e trilhas (4). Dados da Secult (2017c) corroboram essa análise, revelando que as cachoeiras, junto com a Fundação Carlos Drummond de Andrade, são os principais atrativos turísticos da cidade, segundo 16,36% dos turistas entrevistados.

Ouro Preto, o segundo município com maior concentração de atrativos naturais, tem sua maior parte localizada ao norte da cidade, com destaque para as cachoeiras (17), cavernas (5), montanhas e mirantes (5). Essa análise reforça os estudos de Lima e Ruchkys (2019), que apontam o município como detentor de atrativos interessantes para o desenvolvimento do turismo, especialmente no segmento de turismo de natureza, oferecendo uma alternativa ao já tradicional segmento cultural.

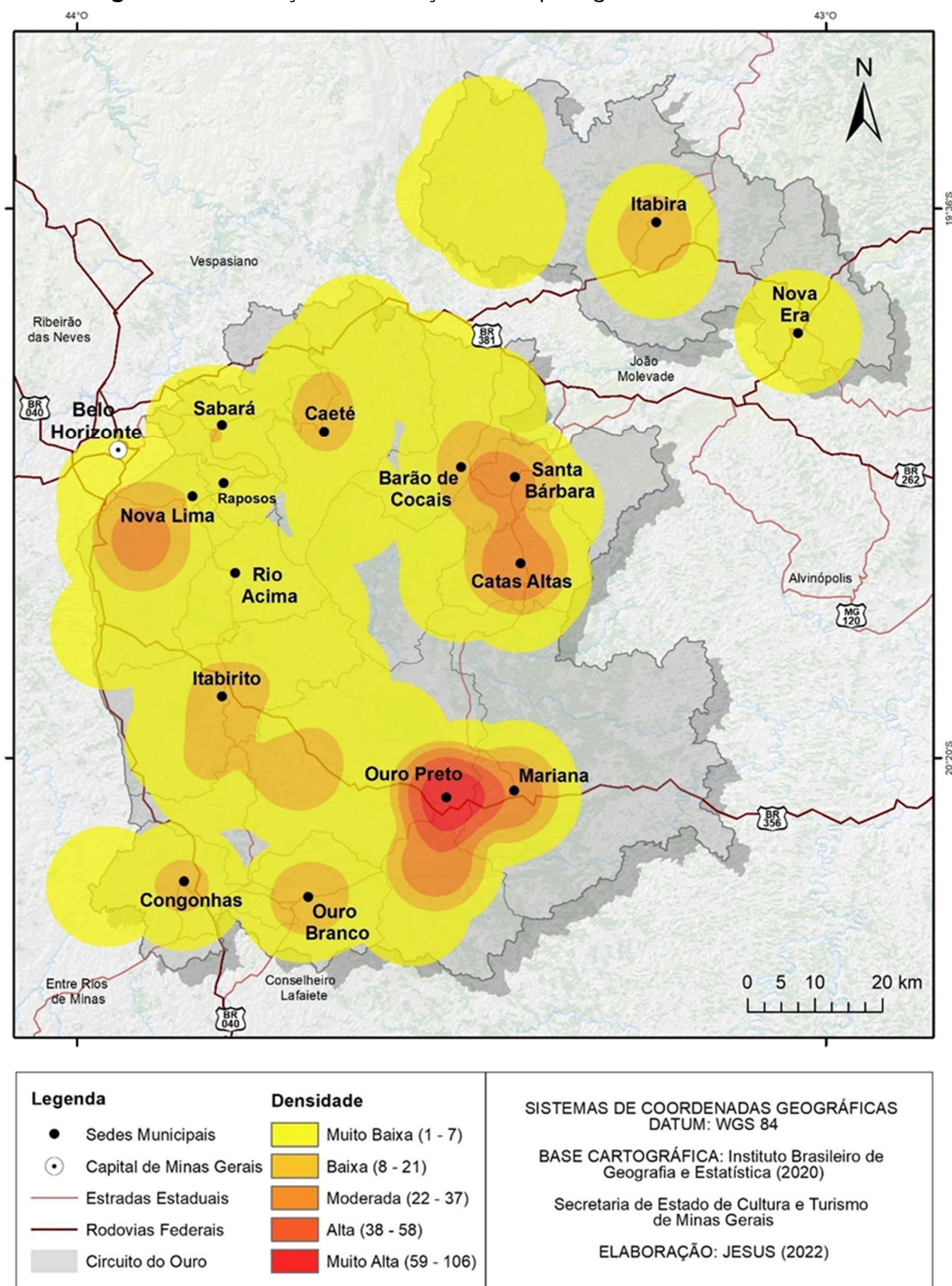
SERVIÇOS DE HOSPEDAGEM

Os serviços de hospedagem, juntamente com os de alimentação e transporte, compõem grande parte da infraestrutura turística necessária para o desenvolvimento de uma localidade turística (Silva; Miranda, 2013). Dados da Secult (2017a) revelam que os meios de hospedagem representam o maior valor gasto por turistas em Minas Gerais. Essa mesma pesquisa indica que os principais meios de hospedagem utilizados pelos turistas no estado foram: casa de parentes/amigos (49,9%); hotel/pousada (38,5%); casa/quarto alugado (3,7%); albergue/hostel (1,9%); camping (1,3%); hotel-fazenda (0,6%); e outros (1,2%).

No levantamento dos serviços de hospedagem do Circuito do Ouro, foram contabilizados 293 empreendimentos. O mapeamento desses serviços, ilustrado na Figura 9, mostrou que o município de Ouro Preto é a localidade com maior número de meios de hospedagem, sendo o único a apresentar densidade “alta” e “muito alta”. De acordo com seu inventário turístico, a cidade possui 113 serviços de hospedagem, sendo que pousadas (80) representam cerca de 70% desse total. Dados da Secult (2017b) confirmam esses números.

A Portaria n.º 100/2011 do Ministério do Turismo (Brasil, 2011) estabelece que pousada é um empreendimento horizontal limitado a 30 unidades habitacionais e 90 leitos, enquanto hotéis não possuem teto máximo de quartos nem restrição de pavimentos. Conforme Caetano et al. (2020), essa diferenciação estrutural foi deliberadamente criada para compatibilizar categorias menores com requisitos mais leves, incentivando a formalização de microempreendimentos. Segundo Roim e Cardozo (2012), os menores custos de construção e serviço associados a essas exigências explicam por que muitos investidores optam pela tipologia pousada, tendência reforçada pelos incentivos econômicos distintos apontados por Knupp (2012).

Figura 9. Distribuição dos serviços de hospedagem do Circuito do Ouro



Fonte: Autores (2024)

No âmbito regulatório-sanitário, a simplificação do licenciamento reforça esse cenário. Costa et al. (2020) mostram que, após a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) 153/2017 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) (Brasil, 2017), cerca de 15,4 % das vigilâncias municipais já emitem alvarás automáticos ou sem inspeção prévia para atividades de baixo risco, categoria em que se enquadram a maioria das pousadas. Em contraste, hotéis que operam restaurantes próprios enfrentam fiscalização constante e alto índice de não-conformidades sanitárias, como demonstrado por Medeiros et al. (2013), elevando custos e tempo de regularização.

A lógica de escolha pela pousada também é condicionada por restrições urbanísticas em sítios históricos. Segundo Gianecchini e Guia (2024), a Portaria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) 312/2010 (Brasil, 2010b) impõe gabaritos de altura, volumetria máxima e controle de fachadas no perímetro tombado de Ouro Preto, exigências que inviabilizam grandes hotéis verticais e favorecem a adaptação de casarões coloniais em pousadas de até três pavimentos, em consonância com o formato previsto na legislação federal.

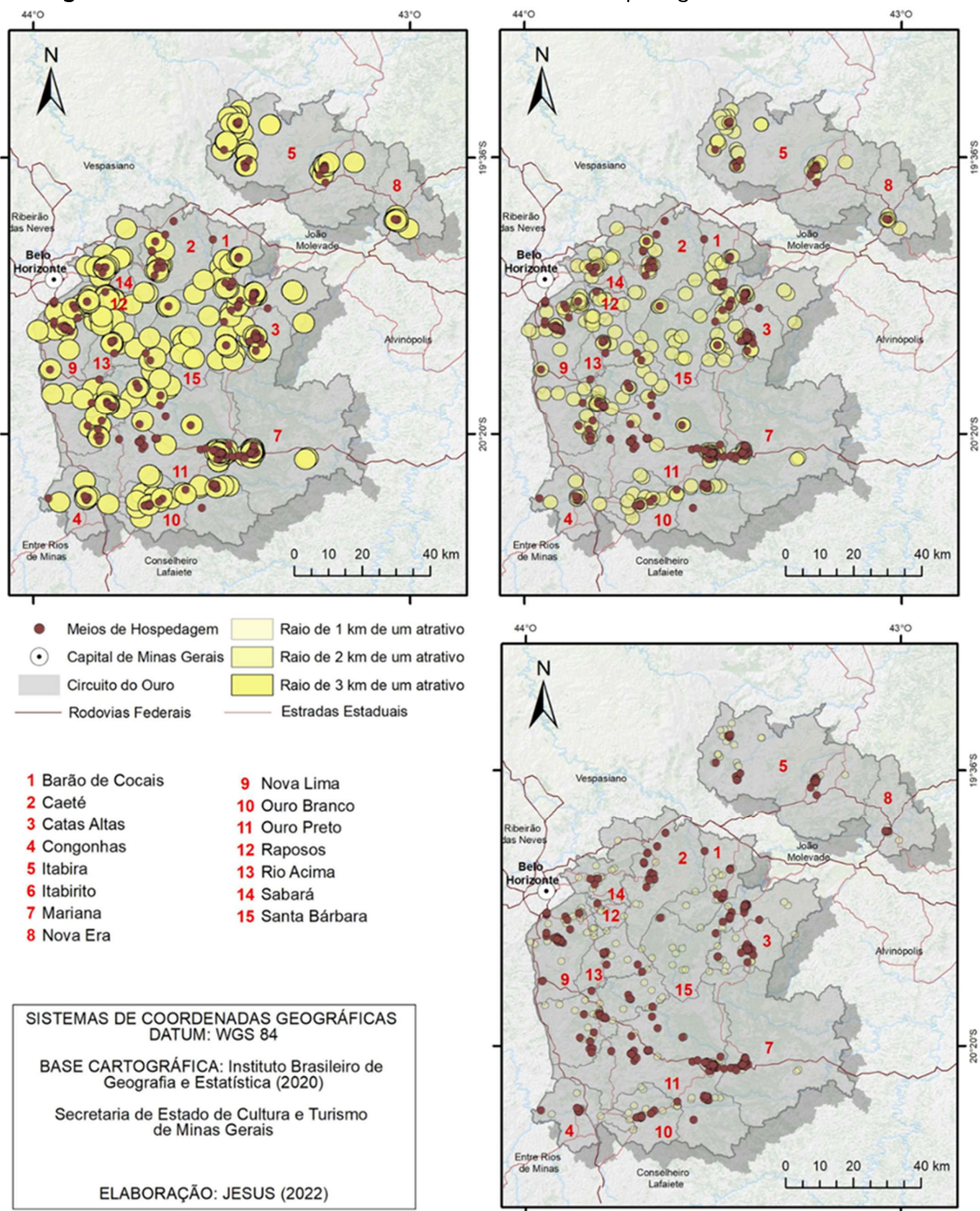
Em síntese, a combinação de critérios normativos (Brasil, 2011), benefícios regulatórios (Costa et al., 2020) e restrições urbanísticas (Gianecchini; Guia, 2024) geram um ambiente no qual a pousada se mostra mais viável para empreendedores de pequeno porte, sendo majoritária na composição da oferta de hospedagem em estados como Minas Gerais e o Circuito do Ouro, em particular.

Cidades como Nova Lima, Mariana e Catas Altas, com 25 meios de hospedagem cada, e Santa Bárbara, com 22, apresentaram densidade “moderada” (Figura 9). Esses números podem parecer baixos em comparação a Ouro Preto, mas, quando somados (97), superam a oferta de outros circuitos turísticos, como o Circuito dos Diamantes (79), conforme demonstrado por Maia e Varajão (2019).

Municípios como Nova Era (3) e Raposos (1) mostraram números significativamente inferiores em relação a centros maiores, com pouquíssimos meios de hospedagem. Essas análises corroboram os estudos de Tavares, Júnior e Queiroz (2010), que indicam que a baixa ou inexistente infraestrutura turística em municípios menores, sobretudo em hospedagem e alimentação, justifica a criação de circuitos turísticos, como o CO, para aumentar a estadia dos turistas.

Para o sucesso da atividade turística, é essencial que exista uma relação entre os atrativos e os serviços. No caso do CO, essa relação pode ser estudada entre os serviços de hospedagem e os atrativos culturais e naturais. Utilizando a ferramenta SIG chamada "buffer", a Figura 10 ilustra a distância entre os atrativos e os serviços de hospedagem, divididos em três classes: amarelo transparente (raio de 1 km de cada atrativo), amarelo claro (raio de 2 km) e amarelo escuro (raio de 3 km).

Figura 10. Distância entre os atrativos e os meios de hospedagem do Circuito do Ouro



Fonte: Autores (2024)

Sendo assim, percebe-se que a maior parte dos estabelecimentos de hospedagem está localizada estrategicamente, com apenas 10 dos 293 serviços de hospedagem situados fora de um raio de 3 km de algum atrativo, o que representa aproximadamente 3% dos estabelecimentos.

Em um raio de 2 km, esse número aumenta ligeiramente para 11 estabelecimentos, correspondendo a 4%. Por fim, em um raio de 1 km, o número de estabelecimentos distantes dos atrativos do CO sobe para 20, o que equivale a cerca de 7%. O mapa indica a existência de uma relação entre os serviços de hospedagem e os atrativos, essencial para o ordenamento da atividade turística, conforme também identificado por Maia e Varajão (2019) em relação ao Circuito dos Diamantes.

SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO

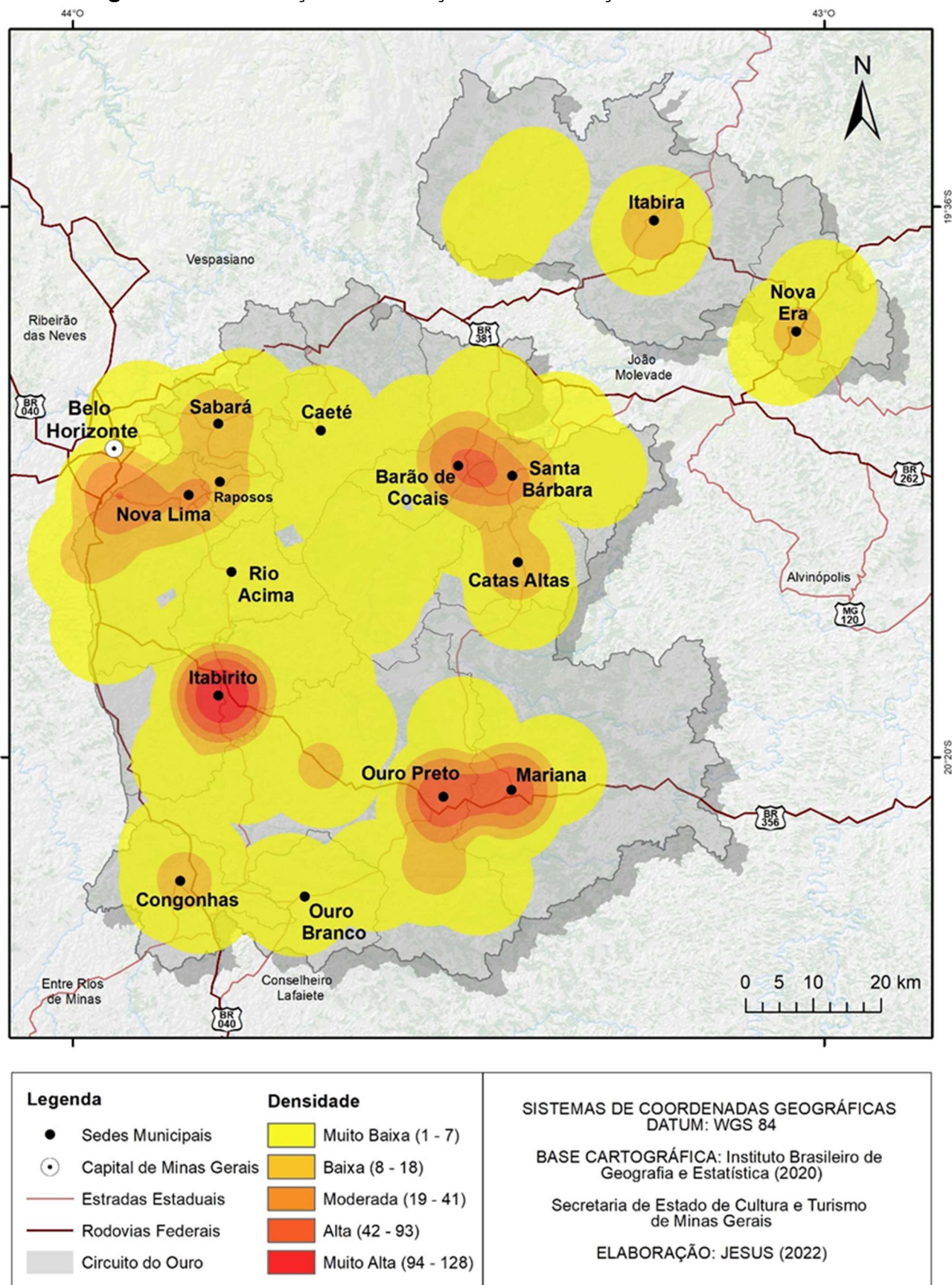
A existência dos serviços de alimentação é essencial para a atividade turística (Cruz, 2000). Dados da Secult (2017a) reforçam essa importância, indicando que os serviços de alimentação são o segundo maior gasto realizado pelos turistas durante suas viagens em cidades mineiras.

A Figura 11 apresenta a oferta de estabelecimentos de alimentação no CO, sendo a maior concentração em Itabirito, o único município com densidade “muito alta”, com 127 serviços de alimentação, dos quais 89 são bares, representando quase 70% dos estabelecimentos da cidade, números bastante superiores aos dos outros centros. Ouro Preto possui 93 estabelecimentos de alimentação, com uma distribuição mais equilibrada entre restaurantes, bares, sorveterias, padarias, pizzarias, hamburguerias e cafeterias.

Outros municípios do circuito também apresentam um número significativo de estabelecimentos de alimentação: Nova Lima (83), Mariana (61), Barão de Cocais (49) e Santa Bárbara (44). Quando comparado a outros circuitos turísticos de Minas Gerais, o CO demonstra uma oferta expressiva de estabelecimentos de alimentação. Maia e Varajão (2019) realizaram uma análise espacial do Circuito dos Diamantes, que contabilizou 71 serviços de alimentação, um número bem inferior aos 566 identificados no CO, o que evidencia a força do setor de alimentação no CO.

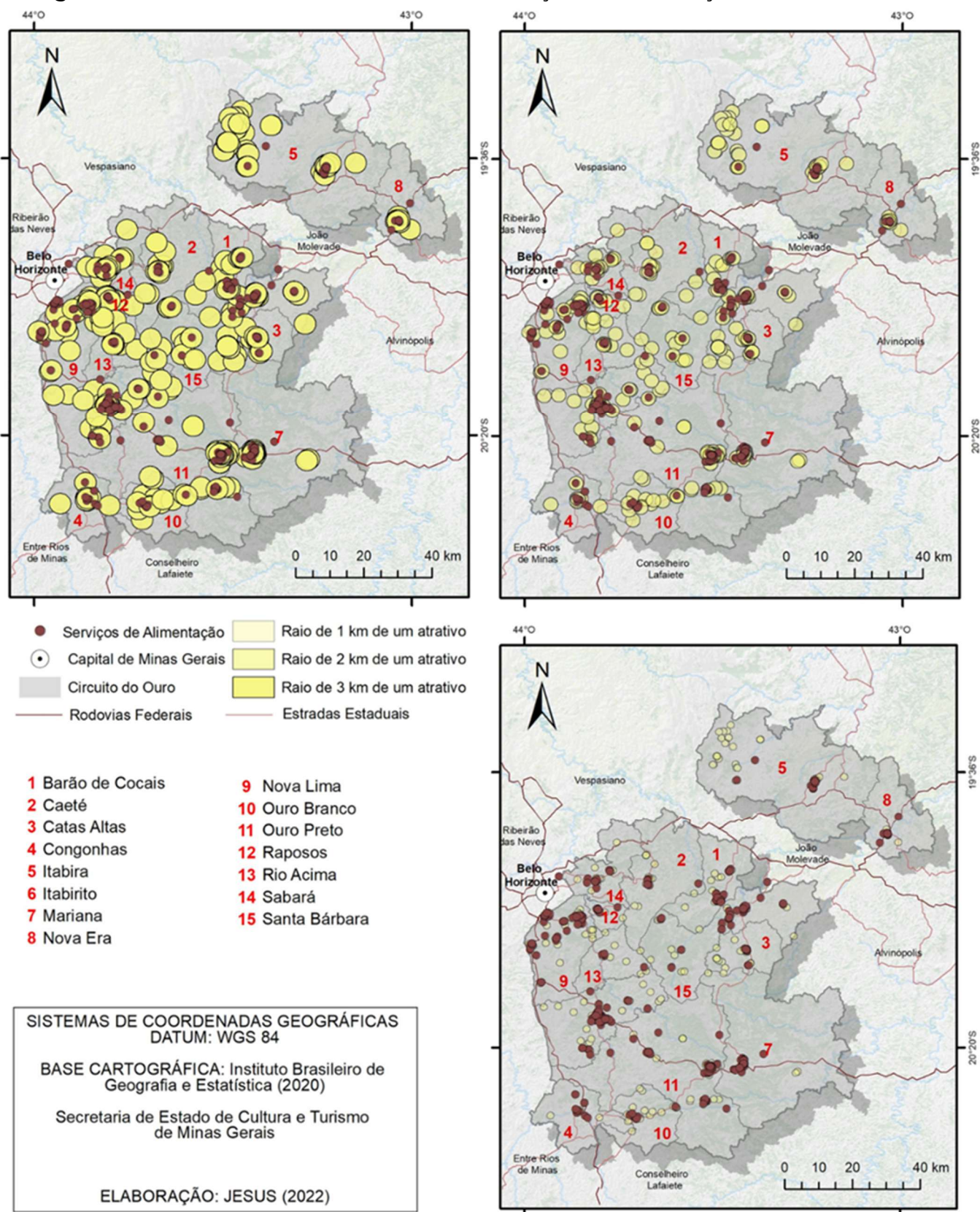
A Figura 12 ilustra a distância entre os atrativos e os serviços de alimentação, demonstrando a relação entre esses serviços e a localização dos atrativos. Considerando um raio de 3 km dos atrativos existentes, apenas nove estabelecimentos de alimentação estão a uma distância maior. Em um raio de 2 km, há 12 estabelecimentos distantes dos atrativos, representando apenas 2%. Por fim, em um raio de 1 km, são 22 estabelecimentos, o que corresponde a 4% dos serviços de alimentação.

Figura 11. Distribuição dos serviços de alimentação do Circuito do Ouro



Fonte: Autores (2024)

Figura 12. Distância entre os atrativos e os serviços de alimentação do Circuito do Ouro



Fonte: Autores (2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a compreensão do espaço geográfico e das potencialidades do Circuito do Ouro é fundamental para o processo de planejamento turístico da IGR e, conseqüentemente, de seus municípios associados. Ambos devem considerar as informações aqui produzidas para aprimorar suas decisões, ações e políticas, além de promover ampla divulgação, permitindo que o setor privado também faça escolhas mais assertivas para o posicionamento de suas atividades.

Com base no exposto, é possível afirmar que o objetivo geral foi alcançado, uma vez que foi realizada a cartografia da oferta turística do CO. A pesquisa exploratória foi desenvolvida a partir das informações e inventários turísticos do CO, organizados em um SIG, utilizando o programa ArcGIS (versão 10.5). Os resultados foram satisfatórios, possibilitando a criação de mapas sobre o uso e as potencialidades turísticas do CO, permitindo uma compreensão mais profunda da oferta turística do circuito. Esses resultados servirão como referência para futuros estudos voltados ao planejamento turístico da região.

Entre os principais resultados específicos, destacam-se a construção de um banco de dados geográficos em um SIG, com base nos inventários turísticos do CO; a compilação das informações espaciais do IBGE referentes ao CO (bases físicas e informações demográficas, econômicas e ambientais) em um SIG; e o levantamento e projeção de informações detalhadas sobre a realidade em que se pretende intervir, contemplando atrativos consolidados e potenciais, infraestrutura básica e turística, e os serviços oferecidos pelo CO. Isso culminou nos mapas de densidade e distribuição dos serviços e atrativos turísticos.

Um fator significativo observado neste estudo foi que o Inventário da Oferta Turística do CO apresenta discrepâncias entre os municípios. A experiência e o conhecimento dos pesquisadores sugerem que o levantamento realizado em alguns municípios foi mais detalhado do que em outros. Um exemplo disso é a discrepância nos números de bares e espaços de eventos em Itabirito, em comparação com Ouro Preto, a principal cidade do circuito. Futuros estudos poderão confirmar essa afirmação por meio de levantamentos *in loco*, que estão fora do escopo deste trabalho.

Outra questão importante é a detecção de algumas inconsistências geográficas no inventário turístico do CO, especificamente em dois atrativos culturais, um atrativo natural, três espaços de eventos, três serviços de alimentação e sete serviços de hospedagem. Para garantir a precisão dos dados e a elaboração dos mapas, foram realizadas correções das inconsistências de latitude e longitude por meio do Google Maps, e essas correções foram encaminhadas ao órgão oficial do CO como *feedback*.

O mapeamento de proximidade realizado com a ferramenta *buffer* (Fig. 10) evidenciou uma relação positiva e praticamente contínua entre a localização dos atrativos e os meios de hospedagem: 97 % dos 293 estabelecimentos estão a menos de 3 km de pelo menos um atrativo; 96 % situam-se em até 2 km e, mesmo no raio mais restritivo de 1 km, 93 % permanecem cobertos. Esses números indicam que o turista do Circuito do Ouro pode, na maioria dos casos, deslocar-se a pé ou em trajeto muito curto entre o local de pernoite e os principais pontos de visitação.

As análises indicaram que pode existir uma relação de complementariedade entre os municípios do CO. Municípios com baixa oferta turística, mas com limites territoriais próximos a municípios com alta oferta, podem se beneficiar dessa proximidade, garantindo que os turistas possam visitar atrativos com serviços de apoio nos municípios adjacentes. Contudo, é essencial que os municípios com menor oferta de atrativos e serviços turísticos desenvolvam estratégias para aumentar a atividade turística em suas localidades, a fim de não dependerem dos municípios vizinhos. A identificação de potencialidades turísticas e a criação de novos produtos nesses municípios são fundamentais para atrair mais turistas e aumentar o tempo de permanência dos visitantes. A identificação dessas potencialidades é o ponto de partida para o desenvolvimento da atividade turística, aliada à implantação de ações que estimulem o turismo.

Evidenciou-se que o maior ponto forte do circuito são seus aspectos culturais, que representam 63% de seus atrativos. Portanto, reforça-se a importância de preservar e valorizar os elementos culturais da região. Este estudo buscou suprir uma deficiência no desenvolvimento do turismo, em que planejamentos são frequentemente elaborados sem base em pesquisas e análises científicas.

Espera-se que este trabalho contribua para o fomento do desenvolvimento turístico do CO, possibilitando uma maior compreensão de seus atrativos e serviços turísticos. Também se espera que este estudo sirva de referência para outras localidades com características semelhantes e auxilie profissionais que pretendem desenvolver planos de aproveitamento turístico, com foco na responsabilidade social e ambiental.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo fomento, por meio dos projetos APQ-03073-21 e APQ-04955-23, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela concessão da bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, V.; GARRIDO, P. Los sistemas de información geográfica (SIG) y su aplicación en localización de establecimientos turísticos. In: CONGRESO NACIONAL DE ACEDE, 11., 2001, Sevilla. Anais... Sevilla: Grupo de Investigación en Dirección de Empresas Asistida por Ordenador (GIDEAO), 2001.
- ALMEIDA, M. B. Noções básicas sobre metodologia de pesquisa científica. 2009. Disponível em: <https://mba.eci.ufmg.br/>. Acesso em: 07 jan. 2022.
- ALVARES, D. F.; LOURENÇO, J. M. B. B. Inovações com incidência direta na atividade turística: uma análise dos destinos de Ouro Preto-MG e Salvador-BA. CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, v. 5, n. 1, p. 33-43, 2015.
- ALVARES, D. F.; LOURENÇO, J. M. B. B. Planejamento, competitividade e gestão do turismo em Ouro Preto-Brasil. Tourism & Management Studies, v. 1, p. 340-348, 2011.
- ALVARES, D. F.; PAULA, L. B. Gestão patrimonial e competitividade turística: os desafios do turismo cultural em Ouro Preto (Brasil) e Cusco (Peru). Revista Espacios, v. 40, n. 27, p. 6-14, 2019.
- ALVES, A. M.; MEDEIROS, J. L.; MARACAJÁ, K. F. B. Planejamento turístico: um estudo sobre o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do Polo Seridó. Caderno Virtual de Turismo, v. 12, n. 1, 2012.
- AMARAL, F. M.; SILVA, G. J. Elaboração de mapas turísticos em ambiente SIG: região do Circuito do Ouro/MG. In: SIMPÓSIO DE GEOTECNOLOGIA NO PANTANAL, 2., 2009, Corumbá. Anais... Corumbá: Embrapa Informática Agropecuária/INPE, p. 685-694, 2009.
- ASSIS, M. C. L.; VIEIRA, N. A. Q. F. Turistas e a Estrada Real: um estudo de caso no trecho Ouro Preto–Ouro Branco. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2007.
- BINFARE, P. W.; CASTRO, C. T.; SILVA, M. V.; GALVÃO, P. L.; COSTA, S. P. Planejamento turístico: aspectos teóricos e conceituais e suas relações com o conceito de turismo. Revista de Turismo Contemporâneo, [S. l.], v. 4, 2016. DOI: 10.21680/2357-8211.2016v4n0ID6042. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/6042>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 153, de 26 de abril de 2017. Estabelece a classificação de risco das atividades econômicas para fins de licenciamento sanitário. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 abr. 2017.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Portaria nº 312, de 8 de junho de 2010. Dispõe sobre diretrizes de preservação para o Conjunto Urbano de Ouro Preto, MG. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 jun. 2010b.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Plano Nacional do Turismo: diretrizes, metas e programas, 2003-2007. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2003. 48 p.

BRASIL. Ministério do Turismo. Portaria nº 100, de 14 de junho de 2011. Institui o Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass). Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 16 jun. 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Turismo de negócios e eventos: orientações básicas. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-de-negocios-e-eventos-orientacoes-basicas.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

BURDA, N. A.; MARTINELLI, M. Cartografia do turismo: a elaboração de roteiros turísticos do patrimônio cultural da Lapa (PR). Revista Geografias, v. 10, n. 1, p. 24-40, 2014.

CAETANO, A. L. R.; STOLL, C. B.; HELFENSTEIN, M. J. W. Classificação de meios de hospedagem no Brasil – o SBClass na perspectiva do ciclo de políticas públicas. Turismo: Visão & Ação, Itajaí, v. 22, n. 1, p. 24-45, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/rtva.v22n1.p24-45>. Acesso em: 29 jun. 2025.

CHRISTALLER, W. Central Places in southern Germany. Trad. Carlisle W. Baskin. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1966. 230p.

CIRCUITO DO OURO. Sobre o Circuito do Ouro. 2021. Disponível em: <https://circuitodoouro.tur.br/sobre-o-circuito-do-ouro/>. Acesso em: 07 out. 2021.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CONTI, A. O Espaço Perimetropolitano de Belo Horizonte: Uma Análise Exploratória. 2009, 783 f. Tese (Doutorado em Geografia), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

COSTA, A. F. D. V.; JORGE, D. M.; DONAGEMMA, E. A. Levantamento sobre licenciamento sanitário municipal – procedimentos e simplificação. Vigilância Sanitária em Debate, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 83-92, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22239/2317-269x.01586>. Acesso em: 29 jun. 2025.

COSTA, S. R.; CARVALHO, C. M. B. Instância de governança regional: uma perspectiva para o desenvolvimento turístico do Polo São Luís. Cadernos de Pesquisa, v. 21, n. esp., p. 73-87, 2004.

CRUZ, R. C. A. Política de turismo e território. São Paulo: Contexto, 2000.

DE PAULA, Dilma Andrade. Estado, sociedade civil e hegemonia do rodoviarismo no Brasil. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 142-156, jul./dez. 2010. Disponível em: https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=30. Acesso em: 30 jun. 2025.

DUARTE, A. P. A.; JÚNIOR, J. H. S. O turismo como apropriação do território e modificador de seus usos: o perfil ocupacional da população envolvida na atividade turística do Programa Estrada Real – o caso de Ouro Preto. Revista Pretexto, v. 7, n. 1, p. 5-19, 2006.

DUQUE, R. C.; MENDES, C. L. O planejamento turístico e a cartografia. Campinas: Alínea, 2006.

DWYER, L.; KIM, C. Destination competitiveness: determinants and indicators. *Current Issues in Tourism*, Abingdon, v. 6, n. 5, p. 369-414, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13683500308667962>. Acesso em: 24 jun. 2025.

EMMENDOERFER, L. A. Política pública de regionalização do turismo em Minas Gerais: os circuitos turísticos. *Revista Turismo em Análise*, v. 19, n. 2, p. 221-240, 2008.

FIORI, S. R. Cartografia e as dimensões do lazer e turismo: o potencial dos tipos de representação cartográfica. *Revista Brasileira de Cartografia*, v. 62, n. 3, 2010.

FONSECA, P. C.; SILVA, L. F. T. B.; EMMENDOERFER, L. A. Formação dos circuitos turísticos mineiros: uma política pública descentralizada e democratizante? *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, p. 07-08, 2007.

FUCHS, M.; ZACH, F. On the usefulness of Data Envelopment Analysis for strategy development: a tourism destination case study. *Data Envelopment Analysis and Performance Management*, p. 266-283, 2004.

GIANNECCHINI, A. C.; DA GUIA, G. A. A norma de preservação de Ouro Preto como estratégia de preservação da paisagem histórica. *Revista CPC*, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 62-99, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v19i37p62-99>. Acesso em: 29 jun. 2025.

GOMES, B. M. A.; SILVA, V. J.; SANTOS, A. C. Políticas públicas de turismo: uma análise dos circuitos turísticos de Minas Gerais sob a concepção de cluster. *Revista Turismo em Análise*, v. 19, n. 2, p. 201-220, 2008.

HALL, C. M.; WILLIAMS, A. M.; LEW, A. A. Tourism: conceptualizations, institutions and issues. In: LEW, A. A.; HALL, C. M.; WILLIAMS, A. M. (org.). *A companion to tourism*. Malden: Blackwell, 2004. p. 3-21.

HANSEN, W. G. How accessibility shapes land use. *Journal of the American Institute of Planners*, Washington, DC, v. 25, n. 2, p. 73-76, 1959. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01944365908978307>. Acesso em: 24 jun. 2025.

HIGGINS-DESBIOLLES, F. More than an “industry”: the forgotten power of tourism as a social force. *Tourism Management*, v. 27, p. 1192-1208, 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo brasileiro de 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

KNUPP, M. E. C. G. A classificação de meios de hospedagem do Brasil. *Turismo y Desarrollo*, Málaga, v. 5, n. 13, p. 1-22, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8951989.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2025.

LAZZAROTTI, F. et al. Regionalização do turismo: uma análise espacial do Arranjo Produtivo Local Rota da Amizade. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, v. 3, n. 4, p. 3-5, 2008.

LEIPER, N. *Tourism systems: an interdisciplinary perspective*. Palmerston North: Massey University, 1990.

LIMA, C. S.; RUCHKYS, Ú. A. Potencial geoturístico dos distritos do município de Ouro Preto com uso de geotecnologias. *Geosul*, v. 34, n. 70, p. 463-483, 2019.

LOHANNE, L. G. Turismo, cartografia e imagem: os significados dos mapas e a construção de narrativas sobre os espaços turísticos do Rio de Janeiro. *Cadernos de Geografia*, n. 41, p. 105-118, 2020.

MACHADO, E. B.; REZENDE, R. N.; SILVA, W. A. C. Gerenciamento de canais de marketing turístico: uma abordagem de logística inversa para empresas de hotelaria na região do Circuito do Ouro em MG. *Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace*, v. 8, n. 1, 2017.

MAIA, L. M. A.; VARAJÃO, G. F. D. C. Spatial analysis of tourism services and attractions of the "Circuito dos Diamantes": support for tourism planning. *Applied Tourism*, v. 4, n. 2, p. 25-35, 2019.

MEDEIROS, L.; POLETTO DALL'AGNOL, L.; BOTTON, S. A.; SMANIOTTO, H.; POTTER, R.; ANRAKU DE CAMPOS, M. M.; MELLO DE MATTOS, K.; DIAS LOPES, L. F.; SANGIONI, L. A. Qualidade higiênico-sanitária dos restaurantes cadastrados na Vigilância Sanitária de Santa Maria, RS, Brasil, no período de 2006 a 2010. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 43, n. 1, p. 81-86, jan. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-84782012005000146>. Acesso em: 29 jun. 2025.

MENA, C. et al. Desarrollo de un sistema de información geográfica para mejorar la gestión del agua de riego del embalse Convento Viejo, Chile. *Agricultura Técnica*, v. 67, n. 1, p. 49-59, 2007.

MENEZES, P. M. L.; FERNANDEZ, M. C. Cartografia turística: novos conceitos e antigas concepções ou antigos conceitos e novas concepções. *Revista Brasileira de Cartografia*, v. 1, p. 60-75, 2008.

MINAS GERAIS. Decreto n.º 43 321, de 8 mai. 2003. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mg/decreto-n-43321-2003-minas-gerais-dispoe-sobre-o-reconhecimento-dos-circuitos-turisticos-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 15 jan. 2022.

MINAS GERAIS. Decreto n.º 48 804, de 25 abr. 2024. Disponível em: <https://www.secult.mg.gov.br/download/category/12-regionalizacao-turismo?download=3493:decreto-48-804-de-25-04-2024>. Acesso em: 15 mai 2024.

MINISTÉRIO DO TURISMO; FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Estudo de competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional. Brasília: MTur, 2008. Disponível em: <https://observatoriodoturismo.es.gov.br/Media/observatorio/Acervo/Estudo%20de%20Competitividade%20dos%2065%20Destinos.pdf>. Acesso em: 18 mai 2022.

MUCIDA, D. P. et al. A degradação ambiental em narrativas de naturalistas do século XIX para a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço. *Caderno de Geografia*, v. 29, n. 57, p. 465-495, 2019.

MUNARETTO, L. F.; CORRÊA, H. L.; CUNHA, J. A. C. Um estudo sobre as características do método Delphi e de grupo focal como técnicas na obtenção de dados em pesquisas exploratórias. *Revista de Administração da UFSM*, v. 6, n. 1, p. 9-24, 2013.

NIÑO, S. G.; DANNA, J. P. Los Sistemas de Información Geográfica (SIG) en turismo como herramienta de desarrollo y planificación territorial en las regiones periféricas. *Cidades, Comunidades e Territórios*, n. 32, 2016.

OLIVEIRA, I. J.; ROMÃO, P. A. *Linguagem dos mapas: cartografia ao alcance de todos*. Goiânia: UFG, 2021.

OLIVEIRA, I. J.; ROMERO, P. T. Z. Cartografia do turismo em Santiago de Compostela, Espanha. *Boletim Goiano de Geografia*, v. 35, n. 3, p. 397-416, 2015.

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. *Introdução ao turismo*. Trad. Dolores Martins Rodriguez Corner. São Paulo: Roca, 2001.

PALHARES, G. L. *Transportes turísticos*. São Paulo: Aleph, 2002.

PIMENTEL, T. D. et al. Expanding and updating human rights: tourism as a social right in contemporary societies. In: KORSTANJE, M. E.; GOWREESUNKAR, V. G. B. (eds.). *Global perspectives on human rights and the impact of tourism consumption in the 21st century*. Hershey: IGI Global, 2023. p. 36-58. DOI: <https://doi.org/10.4018/978-1-6684-8726-6.ch003>.

PIMENTEL, T. D. et al. The trajectory of public tourism policies in Brazil (1922–2022): from wicked problem to a geopolitical strategy? In: PFORR, C. et al. (eds.). *Tourism policy-making in the context of contested wicked problems: politics, paradigm shifts and transformation processes*. Bingley: Emerald, 2024. p. 139-169. DOI: 10.1108/S1871-31732024000017b010.

POLIDORO, M.; BARROS, M. V. F. Proposta metodológica de desenvolvimento de sistema de informações geográficas em ambiente Web (WebGIS) aplicado ao turismo. *Ar@cne – Revista Electrónica de Recursos en Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales*, n. 133, p. 1-12, 2010.

RABAHY, W. A. Análise e perspectivas do turismo no Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 14, p. 1-13, 2020.

RITCHIE, J. R. B.; CROUCH, G. I. *The competitive destination: a sustainable tourism perspective*. 2. ed. Wallingford: CABI, 2005.

RODRIGUE, J.P.; COMTOIS, C.; SLACK, B. *The geography of transport systems*. 5. ed. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003343196>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ROIM, T. P. B.; CARDOZO, B. R. O. Pousadas e suas características específicas de acordo com a nova classificação dos meios de hospedagem no Brasil. *Revista Científica Eletrônica de Turismo*, Garça, v. 9, n. 17, p. 1-18, 2012. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/ybgz9MqVkhH9chu5_2013-5-23-18-8-56.pdf. Acesso em: 29 jun. 2025.

SCHEUER, L. Percepção geográfica e planejamento turístico: um estudo sobre a sazonalidade. *Turismo e Sociedade*, v. 4, n. 2, 2011.

SCHMIDT, K. R.; RAMOS, M. G. G.; SANTOS, N. N. S. Sistema de informação geográfico (SIG) dos serviços turísticos do centro de Pelotas-RS. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 16., 2015, Pelotas. Anais... Pelotas: UFPel, 2015.

SECULT – SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS. Circuitos turísticos. 2009. Disponível em: <http://www.turismo.mg.gov.br>. Acesso em: 13 dez. 2021.

SECULT – SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS. Inventário da oferta turística – Formulário C1: atrativos naturais [vídeo]. Belo Horizonte: Panorama do Turismo MG, 2021a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EZsYve_XQl0. Acesso em: 1 jul. 2025.

SECULT – SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS. Inventário da oferta turística – Formulário B6: serviços e equipamentos de lazer [vídeo]. Belo Horizonte: Panorama do Turismo MG, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LcmG_xl-Ecg. Acesso em: 1 jul. 2025.

SECULT – SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS. Inventário da oferta turística – Formulário C2: atrativos culturais [vídeo]. Belo Horizonte: Panorama do Turismo MG, 2021c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sa-Aw4Ny5yU>. Acesso em: 1 jul. 2025.

SECULT – SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS. ICMS Turismo. 2022. Disponível em: <https://icmsturismo.mg.gov.br/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

SECULT – SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS. Minas é turismo verde. Belo Horizonte: Secult, 03 out. 2023. Disponível em: <https://www.secult.mg.gov.br/noticias-artigos/8021-minas-e-turismo-verde>. Acesso em: 1 jul. 2025.

SECULT – SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS; QUALITEST. Pesquisa de demanda turística – Minas Gerais: alta e baixa temporada. 2017a. Disponível em: <https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

SECULT – SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS; QUALITEST. Pesquisa de demanda turística – Minas Gerais: Ouro Preto – alta e baixa temporada. 2017b. Disponível em: <https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

SECULT – SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS; QUALITEST. Pesquisa de demanda turística – Minas Gerais: Itabira – alta e baixa temporada. 2017c. Disponível em: <https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

SHISHITO, M. et al. O turismo de natureza como incremento da oferta turística de Ouro Preto. ResearchGate, 2005.

SILVA, K. G. et al. Elaboração de mapa interativo em WebGIS como meio de promover a atividade turística: um experimento na rota Sede-Nova Lima (MG). Revista Territorium Terram, v. 1, n. 2, p. 107-122, 2012.

SILVA, M. D. G.; MIRANDA, E. A. Planejamento do turismo para o desenvolvimento local. *Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento*, v. 2, n. 2, p. 94-103, 2013.

SILVA, N. P.; SILVA, M. C. Importância do planejamento para o desenvolvimento do turismo sustentável no Parque Estadual do Guartelá (PR). *Turismo: Visão e Ação*, v. 16, n. 1, p. 167-184, 2014.

TAVARES, J. Cluster de turismo e as experiências do Estado de Minas Gerais na formação de circuitos turísticos. *Revista Turismo em Análise*, v. 26, n. 3, p. 558-587, 2015.

TAVARES, J. M.; BATISTA, J. R. M. Dificuldade de consolidação dos circuitos turísticos de Minas Gerais (Brasil): uma análise a partir do perfil de seus gestores. *Turismo e Sociedade*, v. 6, n. 1, 2013.

TAVARES, J. M.; JUNIOR, J. A. V.; QUEIROZ, S. F. Circuitos turísticos de Minas Gerais: uma análise a partir de ferramentas de geoprocessamento. *Revista Turismo em Análise*, v. 21, n. 1, p. 25-47, 2010.

TENÓRIO, N. R. V. C. Eventos esportivos competitivos como alternativa para solucionar a sazonalidade turística em Ouro Preto-MG. Monografia (Graduação em Turismo) — Universidade Federal de Ouro Preto, 2019.

THE WORLD BANK. World Bank data indicators. 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/ST.INT.ARVL?end=2020&start=1995&view=chart>. Acesso em: 25 mai 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Centro de Convenções. Circuito do Ouro. 2019. Disponível em: <https://centrodeconvencoes.ufop.br/circuito-do-ouro>. Acesso em: 02 jul. 2022.

WINKERT, S. L.; VICENTINI, P. W. A. A contribuição do turismo e do turismólogo para o desenvolvimento local. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUAÇU, 9., 2015, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: FITI, 2015.